

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**UM ESTUDO DA REALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA  
NARRATIVA NO GÊNERO NOTÍCIA**

**AURENÍVIA FERREIRA DA SILVA**

**FORTALEZA**

**2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**UM ESTUDO DA REALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA  
NARRATIVA NO GÊNERO NOTÍCIA**

**AURENÍVIA FERREIRA DA SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística. Orientadora: Profa. Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues. Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

**FORTALEZA**

**2007**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

---

Aurenívia Ferreira da Silva

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues – UFC  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa – UFC  
(Co-orientador)

---

Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra – UPE  
(1º Examinador)

---

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante – UFC  
(2º Examinador)

---

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin – UFC  
(Suplente)

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza, que me capacita para a conquista de meus objetivos.

À Virgem Maria, refúgio e consolo maternal em todos os momentos.

À minha orientadora, Bernardete Biasi-Rodrigues, pela parceria profissional, por sua capacidade em apontar os melhores caminhos para corrigir minhas falhas, por sua atenção e paciência, pela dedicação e empenho para a concretização deste trabalho.

À amiga, Bernardete Biasi-Rodrigues, por ser a pessoa maravilhosa que é, pelo tempo gasto em me consolar nos momentos de angústia e falta de confiança, por enxugar minhas lágrimas, me motivar a não desistir e, principalmente, por me presentear com seu carinho maternal.

À minha co-orientadora, Maria Margarete Fernandes de Sousa, que, generosamente, aceitou acompanhar-me na etapa final desta pesquisa, oferecendo valiosas contribuições profissionais e pessoais, revelando-se uma grande amiga e uma presença decisiva para a conclusão e êxito do trabalho aqui realizado.

Às professoras Mônica Magalhães Cavalcante e Maria Ednilza Oliveira Moreira por sempre me oferecerem apoio e horas preciosas de seu tempo, pelas sugestões e contribuições dadas e pela credibilidade dada a mim e a esta pesquisa.

Aos professores e colegas de Mestrado, que me ajudaram a coletar material teórico para as leituras que embasaram esta investigação.

À minha família, que sempre está a meu lado, oferecendo apoio e estímulo para que meus objetivos sejam alcançados.

Aos meus amigos, que tentaram compreender minha ausência e foram prestativos nos momentos em que necessitei de ajuda.

À minha amiga-irmã Regiane Cabral, por acreditar em mim mais do que eu mesma acredito, por seu apoio constante e por nunca medir esforços em me ajudar na realização de meus projetos.

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa científica e pelo apoio financeiro à realização deste trabalho de pesquisa.

## RESUMO

Esta investigação está centrada na análise e descrição da realização da sequência narrativa no gênero notícia, segundo o esquema prototípico narrativo de Adam (1992), e na verificação de relações existentes entre esse modelo sequencial e a estrutura propriamente dita do gênero. O *corpus* desta pesquisa foi constituído por 48 notícias, dentre as quais 24 policiais e 24 não policiais, retiradas dos sites dos periódicos jornalísticos *O Povo* e *Folha de São Paulo*, no período de setembro de 2005 a setembro de 2006, e submetidos à identificação das macroproposições narrativas em sua estrutura textual. A análise realizada levou-nos a uma nova classificação das notícias em *narrativas* e *expositivas*, de acordo, respectivamente, com a identificação ou não da sequência narrativa na sua estrutura. A partir dessa classificação, constatamos que a sequência narrativa se atualizou predominantemente nas notícias policiais, que apresentaram uma forma de realização recorrente: a ocorrência expressiva da sequência narrativa, com todas as suas fases, no *lead*, e a constante repetição ou retomada de algumas das macroproposições narrativas no corpo da notícia, como uma extensão do conteúdo já exposto, configurando uma característica do gênero. A sequência narrativa funcionou como um importante mecanismo de organização textual das notícias narrativas, ainda que sua conformação narrativa prototípica tenha sido diferente da delineada por Adam. Já nas notícias não policiais, o rendimento foi baixo. A estrutura composicional recorrente que registramos configurou-se como expositiva e, nesse caso, a analisamos à luz dos pressupostos teóricos de Bronckart (1999). Acreditamos ter possibilitado uma interessante reflexão teórica sobre a realização do protótipo da sequência narrativa de Adam no gênero notícia e, do ponto de vista aplicado, esperamos ter contribuído para a operacionalização do conceito de sequência textual narrativa no tratamento didático de gêneros não literários considerados de natureza narrativa, tal como o gênero notícia.

Palavras-chave: gênero notícia; estrutura composicional; narrativa; macroproposições narrativas; protótipo da sequência narrativa.

## ABSTRACT

This research analyzes and describes the realization of the narrative sequences in the genre news of newspaper through the Michel Adam's prototypical project of narrative sequences (cf. ADAM, 1992) and through the relations between this project and the proper structure of that genre. The *corpus* was formed by 48 news, being 24 about crimes and 24 about other subjects. They were extracted from the sites *O Povo* and *Folha de São Paulo* from September/2005 to September/2006 and later they were submitted to identification of the narrative macro-proposals in its textual structure. After, the news were classified as narrative and expositive according to identification or not of the narrative sequence in its structure. From this classification, we observed that the narrative sequence became predominantly current in the news about crimes, presenting almost always the following form of realization: the expressive occurrence of the narrative sequence in the lead, with all its phases, and the constant repetition of some narrative macro-proposals in the text like a characteristic and an extension of the content of the genre news. So, the narrative sequence functioned as an important mechanism of textual organization of the genre news, although its prototypical conformation is different of that one thought by Adam. About the other kinds of news, the profit was low. Its recurrent compositional structure is expositive, therefore we analyze it with the theoretician proposals of Bronckart (1999). This way, we tried to make possible a theoretical reflection about the realization in the genre news of the prototype of narrative sequence thought by Adam, waiting to contribute for the operacionalization of the notion of narrative textual sequence through the didactic treatment of not-literary genres, but narrative genres such as the genre news.

Word-keys: genre news; compositional structure; narrative; narrative macro-proposals; prototype of narrative sequence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS GÊNEROS E A SEQUENCIALIDADE TEXTUAL .....</b>	<b>15</b>
1.1 A concepção de gênero para Bakhtin .....	15
1.2 A concepção de gênero e de sequência textual para Adam .....	19
1.2.1 O protótipo da sequência narrativa .....	26
1.3 A concepção de gênero e de sequência textual para Bronckart .....	32
<b>CAPÍTULO 2 – O GÊNERO NOTÍCIA .....</b>	<b>39</b>
2.1 Noções históricas sobre o gênero notícia .....	39
2.2 A importância do gênero notícia no meio jornalístico .....	40
2.3 Normas jornalísticas de composição textual do gênero notícia .....	42
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA .....</b>	<b>47</b>
3.1 Delimitação do <i>corpus</i> .....	47
3.2 Procedimentos de análise .....	48
<b>CAPÍTULO 4 – A SEQUÊNCIA NARRATIVA NO GÊNERO NOTÍCIA .....</b>	<b>54</b>
4.1 A realização da sequência narrativa .....	54
4.1.1 A sequência narrativa no <i>lead</i> das notícias .....	57
4.1.2 A sequência narrativa no corpo das notícias .....	63
4.2 A não realização da sequência narrativa .....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>

## INTRODUÇÃO

Embora não se possa ter uma definição precisa do que caracteriza os vários textos que produzimos em nossa atividade de linguagem, é possível afirmar que eles possuem uma forma identificável. Tal forma, longe de se restringir aos aspectos linguísticos, está profundamente identificada com as práticas sociais. Essa reflexão inicial está relacionada às postulações teóricas do pensador russo Mikhail Bakhtin, que defendeu uma concepção de língua como fenômeno de interação social e incorporou à concepção aristotélica de *gênero* uma dimensão ideológica e sócio-histórica.

Ao observar as práticas de linguagem, Bakhtin (1992) apresenta três elementos como caracterizadores do ato verbal, que aparecem imbricados na formação de todo e qualquer gênero textual/discursivo: o conteúdo temático (o que pode ser dito em um determinado gênero), o estilo (a seleção dos recursos linguísticos, disponibilizados pela língua) e a construção composicional (as formas de dizer, a organização geral do texto). Nesta pesquisa, nos deteremos especialmente neste último aspecto para descrever a estrutura textual do gênero notícia.

Embora maleáveis e passíveis de variação, os gêneros não constituem criações individuais, livres de toda e qualquer normatização. Ao contrário, a sujeição a algumas regularidades genéricas é imprescindível para que um gênero seja reconhecido pelos falantes nas esferas de comunicação em que circulam. Para isso, faz-se necessário apropriar-se de formas típicas e regulares, acordadas pelos próprios falantes em condições histórico-sociais específicas, que lhes permitam utilizar esses gêneros em determinadas situações enunciativas.

Considerando que as postulações bakhtinianas parecem sugerir um “caráter prototípico”, que estaria na base da construção dos enunciados, alguns autores têm desenvolvido teorias de tipologização textual, procurando reunir orientações formais e enunciativas, para compreender a organização de sua estrutura composicional. Dentre eles, podemos citar, consideradas as devidas distinções teórico-metodológicas, Jean-Michel Adam e Jean-Paul Bronckart, que têm focalizado seus estudos na descrição da composição e da materialidade linguística textual nos gêneros discursivos. Adam (1992), por exemplo, tem adotado a noção de sequência textual como um dos mecanismos de organização da textualidade e como elemento central para estabelecer uma tipificação dos textos a partir da

identificação/combinção de sequências textuais presentes nos gêneros. O autor propõe uma teoria alicerçada em esquemas sequenciais de base, denominados protótipos, que permitirá, segundo ele, contemplar os casos de heterogeneidade textual de que falava Bakhtin. Para Adam, os gêneros seriam dispostos em categorias de acordo com a presença de traços comuns com essas sequências.

Assim, por ser mais delimitável do que o gênero, a sequência textual é definida pelo autor como uma entidade relativamente autônoma, dotada de organização interna própria, que representa a construção de um plano possível de organização textual mais estável. Enquanto os gêneros são pensados como componentes da interação social entre os falantes, as sequências são pensadas como esquemas em interação dentro de um gênero e existem em função das práticas sociais da linguagem. Em vista disso, Adam (1992) classifica as sequências textuais em cinco tipos, narrativa, argumentativa, descritiva, explicativa e dialogal<sup>1</sup>, a partir dos quais elabora os protótipos sequenciais. A construção composicional passa a ser abordada, então, por um viés não contemplado por Bakhtin: o da sequencialidade textual.

Diferentemente de Adam, que atribui um papel determinante às sequências, Bronckart (1999) dá a elas uma importância relativa: elas compõem, mas não determinam a infraestrutura de um texto. O autor postula a existência de duas dimensões dessa infraestrutura, os *tipos de discurso* e as *formas de planificação local*, e considera que as sequências estão inseridas nessas formas de planificação local e se encontram a serviço dos tipos de discurso. Bronckart desconsidera o caráter prototípico associado a modelos cognitivos de Adam, mas adere à descrição técnica das sequências por este proposta, acrescentando à sua classificação a sequência injuntiva.

Os estudos desses autores, principalmente os desenvolvidos por Adam, têm motivado um interesse cada vez maior pela teoria da sequencialidade no estudo do reconhecimento de estruturas que definam a organização dos textos e, conseqüentemente, sua categorização. Os protótipos das sequências textuais têm sido utilizados como instrumentos de análise em pesquisas que procuram descrever a organização textual de diversos gêneros, buscando

---

<sup>1</sup> Em *Types de séquences textuelles élémentaires* (1987), Adam apresenta sete tipos de estruturas sequenciais de base, dentre as quais, duas são descartadas posteriormente em *Eléments de linguistique textuelle* (1990): a injuntiva-instrucional e a poética-autotélica.

relacionar os aspectos formais e os aspectos enunciativos que os envolvem em cada situação de comunicação.

Dentre essas pesquisas, podemos citar Machado (1997), que constrói uma reflexão teórica sobre a organização sequencial da resenha crítica, a partir do esquema prototípico da sequência descritiva; Lemos (2003), que examina a articulação argumentativa entre sequências descritivas referentes a personagens e a sequências narrativas nos contos “Entre a espada e a rosa” (Colassanti, 1992), “O menino” (Telles, 1989) e “Pai contra mãe” (Assis, 2000); Sousa (2004), que aplica o protótipo de sequência argumentativa à descrição da organização textual argumentativa de editoriais de jornais produzidos na imprensa brasileira; e Santos (2005), que apresenta uma análise da construção argumentativa em artigos de opinião sob a perspectiva textual-interativa e utiliza, para a caracterização do plano composicional da argumentação, o protótipo da sequência argumentativa proposto por Adam e ampliado por Sousa (2004).

Ao nos depararmos com esses estudos, percebemos maior utilização/aplicação dos protótipos sequenciais na descrição da organização textual de gêneros marcados pela argumentação. Não encontramos, porém, trabalhos em que o protótipo da sequência narrativa tivesse sido aplicado a algum gênero de natureza narrativa. Isso despertou nossa atenção, uma vez que lidamos com textos narrativos desde os primeiros momentos de nossa experiência enquanto seres sociais e também porque a narrativa é, segundo nos diz o próprio Adam (1992), a unidade textual que mais foi trabalhada pela tradição retórica – da *Poética*, de Aristóteles (s/d), ao *Ensaio sobre narrativa*, de Bataut (1776) – e pela narratologia moderna – da *Morfologia do conto*, de Propp (1928) a *Tempo e narrativa*, de Ricoeur (1983-1985).

Também a sociolinguística americana tem oferecido contribuições importantes nesse contexto, pois, a partir dos estudos de Labov e Waletzky (1967) sobre narrativas orais, identificaram-se elementos recorrentes nos textos narrativos que, com base em funções específicas, os caracterizavam. Ao levar em consideração tanto os elementos que sustentam a estrutura narrativa (aspecto formal) quanto a relação de interlocução (aspecto funcional), os autores identificaram e descreveram em seus estudos as *funções narrativas*<sup>2</sup> que, segundo eles, governam a estrutura narrativa. Tais funções serviram, inclusive, de inspiração para a elaboração do protótipo da sequência narrativa de Adam. Considerando a importância da

---

<sup>2</sup> As funções narrativas apresentadas por Labov e Waletzky (1967) às quais nos referimos são: resumo, orientação, complicação, resolução, avaliação e coda.

unidade textual narrativa e a ausência de trabalhos em que o protótipo da sequência narrativa de Adam tenha sido utilizado, propusemo-nos desenvolver um trabalho de pesquisa em que pudessemos aplicar o esquema narrativo prototípico na análise de algum gênero de natureza narrativa.

Ao pensarmos que gênero seria escolhido como objeto dessa investigação, optamos inicialmente pela análise não de um, mas de dois gêneros de natureza textual distinta: a fábula e a notícia. Essa opção foi motivada por uma questão didática: a influência que as indefinições terminológicas exercem no tratamento dado pela escola e pelos livros didáticos a esses gêneros. Apesar de suas diferenças formais e funcionais e de sua especificidade (gênero literário e não literário, respectivamente), podemos encontrá-los em diferentes coleções didáticas definidos simplesmente como *narrativas*<sup>3</sup>.

Em outros casos, uma definição para o gênero sequer é apresentada no livro didático, havendo apenas a colocação de um exemplar seguido de exercícios. Até mesmo a seção em que os gêneros aparecem é indefinida: às vezes, eles são utilizados para atividades de leitura e compreensão de textos; às vezes, para produção, mas, em ambas, como relata Biasi-Rodrigues (2002, p.57) sobre o tratamento dos gêneros nos livros didáticos, “não se exploram as condições de produção ou instâncias comunicativas em que os gêneros são construídos e praticados, seus propósitos comunicativos e as relações que se estabelecem em função desses propósitos entre o produtor (falante/escritor) e o receptor (ouvinte/leitor)”<sup>4</sup>.

Essas indefinições dizem respeito à confusão que ainda existe com relação a termos como: *narração*, *narrativa*, *textos narrativos*, *gêneros narrativos*, bem como quanto à compreensão e utilização dos conceitos de *tipo textual* e *gênero textual*<sup>5</sup>. A transposição didática desses conceitos não tem sido fácil, ainda que as propostas contidas em referenciais pedagógicos como os PCN defendam um ensino de língua com base nos gêneros e procurem

<sup>3</sup> Como exemplos, citamos: 1) “Notícia é a narrativa de um acontecimento atual” (Seção *Atividades*, Coleção Linguagem Nova, 2002, 5ª série, p.262); 2) “Fábula é uma pequena narrativa, muito simples, em que as personagens geralmente são animais.” (Seção *Estudo dos textos*, Coleção Português: Linguagens, 2002, 5ª série, p.115).

<sup>4</sup> No artigo intitulado *A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?*, Biasi-Rodrigues (2002) tece interessantes considerações sobre o tratamento dos gêneros nos PCN e nos livros didáticos (por meio de uma análise de três coleções) e no fascículo destinado à formação de professores da rede pública da Universidade Aberta do Nordeste (2005, v.8), intitulado *Tratamento dos gêneros textuais na escola*, a autora apresenta reflexões importantes sobre o tema, além de apresentar sugestões de atividades para o trabalho com os gêneros em sala de aula.

<sup>5</sup> Uma discussão esclarecedora destes conceitos é apresentada por Silva (1999).

esclarecer suas distinções teórico-metodológicas em relação aos tipos e à classificação tradicional clássica (narração, descrição e dissertação)<sup>6</sup>.

Essa classificação tradicional mostra-se bastante enraizada inclusive entre alunos no ambiente universitário. Isto se refletiu nos resultados de uma atividade textual que realizamos com alunos da turma de Linguística Textual do Curso de Letras da UFC<sup>7</sup> para sondar se, à semelhança da escola e do livro didático, também eles categorizavam os gêneros fábula e notícia como sendo *narrativos*. Queríamos verificar se eles reconheciam uma estrutura narrativa nos exemplares apresentados e que aspectos formais e funcionais eles percebiam na sua construção para fundamentar a categorização que lhes atribuíam. Esperávamos que eles apontassem o porquê da classificação dada.

Conforme esclarecemos no Relatório do Estágio de Docência, todos os alunos consideraram que os textos apresentados eram narrativos. Eles justificaram seus posicionamentos com base em sua experiência escolar, apontando os elementos que, segundo eles, constituem e caracterizam um texto narrativo (“narração”): a presença de personagens (fictícios ou reais) e de um narrador (no caso da notícia, o jornalista) que conta um fato ou uma história envolvendo esses personagens, o uso dos discursos direto e indireto, referências a tempo e espaço, etc. Essa experiência demonstrou, a nosso ver, que os conceitos repassados pela tradição escolar têm sido aceitos sem maiores questionamentos.

Por acreditarmos que tratar gêneros como a fábula e a notícia como *narrativos*, indiscriminadamente, significa simplificar demasiadamente o que se pode conhecer da natureza estrutural, funcional e sócio-histórica de cada um, decidimos analisar e descrever a forma de organização das estruturas textuais desses gêneros, comparativamente, a partir do protótipo da sequência narrativa de Adam (1992). Para isso, coletamos 40 textos de cada um dos gêneros, dentre os quais selecionamos 10 fábulas e 10 notícias para realizarmos um exercício preliminar de análise no qual pudéssemos delinear as primeiras comparações entre as suas estruturas textuais. No entanto, diante dos dados levantados nessa análise, a pesquisa tomou outro rumo.

---

<sup>6</sup> O conceito de sequência textual é apresentado nos PCN (1998, p.21), em uma nota de rodapé, ainda que nenhuma referência ao nome de Adam seja feita e que a apresentação desse conceito apareça de forma superficial e pouco esclarecedora.

<sup>7</sup> A atividade com a referida turma aconteceu no primeiro semestre de 2005, no qual cumpríamos a disciplina de Estágio de Docência, exigida pela CAPES (órgão que financia nossa pesquisa).

Aplicado ao gênero literário fábula, o protótipo da sequência narrativa se mostrou um modelo bastante representativo de descrição da sua organização textual<sup>8</sup> e pôde ser facilmente reconhecido. Na análise realizada, as fábulas apresentaram poucas variações para o esquema elaborado pelo autor e preencheram todas as macroproposições do esquema. Quanto ao gênero notícia, o mesmo não aconteceu. Ao analisarmos os seus exemplares, percebemos certas particularidades que, por si sós, tornaram mais instigante investigarmos a aplicação do modelo teórico na análise da estrutura textual desse gênero.

Diante disso, propusemo-nos analisar e descrever como se dá a realização da sequência narrativa no gênero notícia segundo o esquema prototípico narrativo de Adam e investigar a existência de relações entre esse modelo sequencial narrativo e a estrutura propriamente dita do gênero. Focalizando esses objetivos, pretendemos responder às seguintes questões: 1) De que forma se materializa o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual da notícia? 2) Que relações podemos perceber entre a identificação da sequência narrativa nas notícias e a estrutura composicional do gênero propriamente dita?

Para procedermos à investigação e buscarmos respostas às questões levantadas, adotamos como referencial teórico a proposta de organização sequencial da textualidade, tendo como base principal a concepção do protótipo da sequência narrativa de Adam (1992). Consideramos válido apresentar também as postulações teóricas de Bronckart (1999) sobre tal forma de organização e estabelecermos, na análise das notícias, uma correlação com a teoria de base, uma espécie de contraponto. Os pressupostos de Bakhtin (1992,1997) foram apresentados em nossa fundamentação teórica por sua importância nos estudos sobre os gêneros textuais e por terem influenciado Adam na construção de uma teoria que se propõe a contemplar a heterogeneidade textual.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de 48 notícias, escolhidas e retiradas dos sites dos periódicos jornalísticos *O Povo* e *Folha de São Paulo*, no período de setembro de 2005 a setembro de 2006. Das 48 notícias, 32 são do jornal *O Povo* e 16 do jornal *Folha de São Paulo*, e todas fazem parte do Caderno *Cotidiano* de ambos os jornais, cujas temáticas são bastante variadas e de interesse geral. De acordo com essas temáticas, dividimos as notícias em dois grandes grupos classificatórios: o das notícias de temática policial, que contam com 24 exemplares, e o das não policiais, que contam com 24 exemplares. Feita essa divisão,

---

<sup>8</sup> Adam (1992) utilizou, inclusive, uma fábula de La Fontaine, *O lobo e o cordeiro*, para ilustrar a viabilidade do esquema prototípico.

todas as notícias foram segmentadas em proposições numeradas e submetidas a procedimentos metodológicos para identificação das sequências narrativas, com o fim de analisar e descrever a forma de realização dessas sequências e sua relação com a estrutura composicional do gênero notícia propriamente dita.

Acreditamos que os resultados desta pesquisa vêm alimentar os estudos sobre gêneros textuais na interface entre a Linguística Textual e a Análise de Gêneros e podem contribuir para propiciar descobertas interessantes sobre o estudo da sequência narrativa, especialmente quanto à sua realização em um gênero que, embora não literário, tem sido considerado como narrativo; e também para demonstrar como a organização dos aspectos estruturais dos gêneros está imbricada às exigências pragmáticas próprias de sua constituição. Ressaltamos também que nossa preocupação com os aspectos didáticos no tratamento dos gêneros persistiu e que, apesar da mudança de foco da pesquisa, consideramos que as conclusões às quais chegamos podem contribuir para uma reflexão sobre a prática pedagógica e sobre as múltiplas possibilidades de trabalho com os gêneros textuais, especificamente com a notícia.

O corpo desta dissertação está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, dividido em três tópicos, apresentamos a fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa: no tópico 1.1, abordamos a concepção de gênero postulada por Bakhtin (1997) por representar um referencial imprescindível para todo trabalho de pesquisa que se proponha analisar gêneros textuais; no tópico 1.2, com um subtópico, discorremos sobre a concepção de gênero e de sequência textual de Adam (1992): no subtópico 1.2.1, apresentamos e explicamos a concepção do protótipo da sequência narrativa (que é a principal base teórica desta pesquisa) elaborado pelo autor; no tópico 1.3, descrevemos a concepção de gênero e de sequência textual para Bronckart (1999), como uma leitura complementar e um contraponto à análise da realização da sequência narrativa no gênero notícia.

No segundo capítulo, dividido em três tópicos, focalizamos o gênero escolhido para esta análise: a notícia. No tópico 2.1, apresentamos algumas noções históricas sobre a sua constituição; no tópico 2.2, discutimos o *status* de que se reveste hoje no meio jornalístico; e no tópico 2.3, descrevemos os critérios de composição da estrutura deste gênero, determinados pela esfera jornalística. Além de abordar esses critérios com vistas a investigar possíveis relações entre gênero e sequência narrativa, tecemos breves considerações sobre a crescente utilização da notícia como foco de investigação de estudos linguísticos, explicando sua utilização em nossa pesquisa.

No terceiro capítulo, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa através de dois tópicos: 3.1 e 3.2, nos quais estão explicados, respectivamente, o processo de coleta e delimitação do *corpus* e os procedimentos seguidos na realização da análise.

No quarto capítulo, apresentamos a análise da materialização da sequência narrativa na estrutura textual do gênero notícia, sistematizando em dois tópicos, as ocorrências mais significativas quanto aos resultados encontrados. No tópico 4.1, dividido nos subtópicos 4.1.1 e 4.1.2, descrevemos os casos em que a sequência narrativa se materializou e como se deu sua atualização no *lead* e no corpo das notícias, respectivamente. No tópico 4.2, apresentamos algumas considerações sobre a não realização do protótipo no *corpus* analisado.

Finalmente, apresentamos as considerações finais a que chegamos por meio dos dados desta pesquisa, enfatizando os pontos mais relevantes da análise, apontando dificuldades encontradas, limitações da pesquisa, sugestões para o preenchimento de lacunas deixadas e, por fim, comentando o que consideramos como contribuições teóricas e/ou aplicadas que a pesquisa possibilitará.

## CAPÍTULO 1 – OS GÊNEROS E A SEQUENCIALIDADE TEXTUAL

Apresentamos neste capítulo os referenciais teóricos que serviram como sustentação à pesquisa realizada. Iniciamos com os pressupostos de Bakhtin (1997), porque têm motivado importantes reflexões nas mais diversas vertentes teóricas sobre gêneros textuais, orientado um número cada vez maior de pesquisas e se tornado referência obrigatória na literatura contemporânea dos estudos sobre o uso efetivo da linguagem e o ensino de língua a partir dos gêneros. Além disso, as reflexões de Bakhtin sobre a heterogeneidade textual levaram Adam a propor um modelo teórico no qual tal heterogeneidade pudesse ser contemplada. Concluída a teorização dos postulados bakhtinianos, passamos à descrição da teoria de base da presente pesquisa: a concepção de sequência textual de Adam e a elaboração do protótipo da sequência narrativa. Por fim, apresentamos também as postulações teóricas de Jean-Paul Bronckart (1999), referentes à presença das sequências na infraestrutura de um texto, para estabelecer uma correlação com a proposta teórica de base.

### 1.1 A concepção de gênero para Bakhtin

A concepção de Bakhtin sobre os gêneros é considerada a base teórica mais significativa para qualquer pesquisa que se proponha analisá-los ou descrevê-los. A definição de *gênero* postulada por Bakhtin (1997) surgiu a partir das concepções de língua e de enunciado que adota. Para ele, a língua não é uma estrutura abstrata, mas um lugar de interação entre indivíduos sócio-históricos. Essa interação se realiza por meio de enunciados, que são as unidades reais da comunicação verbal, delimitados pela alternância dos sujeitos falantes. Com essa delimitação, o autor imprime importância não somente ao locutor, mas também ao receptor, que assume uma atitude responsiva na ação comunicativa. Segundo Bakhtin (1997, p. 279):

*A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de interação.*

Em outras palavras, o autor considera que os enunciados linguísticos refletem as especificidades da esfera que os produziu por meio dos gêneros do discurso; ou seja, ele estabelece que língua, enunciado e gêneros estão em relação intrínseca: os gêneros modelizam os enunciados que emanam dos interlocutores, segundo certas condições de produção. Os gêneros são, portanto, a cristalização das formas de dizer sócio-historicamente constituídas e realizam uma conexão dialógica entre os interlocutores. Essas formas de dizer não estão, entretanto, livres das restrições formais da língua. Como explica Bakhtin (1997, p. 304):

*(...) o locutor recebe, além das formas prescritivas da língua comum (os componentes e as estruturas gramaticais), as formas não menos prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso, que são tão indispensáveis quanto as formas da língua para um entendimento recíproco entre locutores. Os gêneros do discurso são, em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém, para o indivíduo falante, não deixam de ter um valor normativo: eles lhe são dados, não é ele que os cria. É por isso que o enunciado, em sua singularidade, apesar de sua individualidade e de sua criatividade, não pode ser considerado como uma combinação absolutamente livre das formas da língua...*

Assim, Bakhtin (1997) definiu os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, uma vez que, independentemente de seu caráter criativo e individual, o enunciado não pode ser visto como uma unidade totalmente livre das formas da língua. A relativa estabilidade ocorre porque os gêneros estão fortemente vinculados às esferas onde se dá a comunicação e são as peculiaridades dessas esferas que condicionam os três elementos, os quais, segundo o autor, são constitutivos de todo e qualquer gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Segundo o autor, os textos produzidos pelos falantes são, em toda comunidade linguística, distribuídos em gêneros reconhecidos e reconhecíveis socialmente, o que permite as diversas interlocuções humanas, bem como a consciência para o indivíduo falante de que também os gêneros possuem certo valor normativo. Esse aspecto é muito importante, uma vez que os gêneros são construídos em condições de produção específicas para atender aos propósitos comunicativos que lhes subjazem, mas nos são “dados”, isto é, consensualmente definidos para que possamos utilizá-los nas diversas situações de comunicação. Aqui, podemos falar de regularidades na identificação dos gêneros<sup>9</sup>, que geram as escolhas lexicais,

---

<sup>9</sup> Essas regularidades genéricas de que fala Bakhtin são consideradas por Adam (1992) como estando na base das regularidades sequenciais e nos fizeram pensar na possibilidade de uma relação de composição, ainda que parcial, entre gênero e sequência textual. Acreditamos que apenas o estudo sobre sequências textuais não é suficiente para descrever ou explicar o gênero, mas consideramos que a presença das sequências é bastante relevante.

gramaticais e a combinação das formas da língua visando à adequação às práticas de linguagem.

Alguns gêneros, geralmente, recebem denominações que permitem aos falantes, nomeá-los, descrevê-los, e utilizá-los de forma consciente e chegam a regular o comportamento de linguagem deles. Se tivéssemos que criar os gêneros a cada novo momento, a comunicação seria impossível. Por esta razão, ao fazer uso de um determinado gênero discursivo para atingir seus propósitos comunicativos, o locutor termina por submeter-se ao que, a respeito deste gênero, já está socialmente instituído/estabelecido.

Isto não quer dizer, contudo, que os gêneros sejam estanques ou que não seja possível algum tipo de subversão. Encontramos em Marcuschi (2002, p. 30) um texto que ilustra bem essa subversão genérica: a escrita de um artigo de opinião em formato de poema, com um tema que remete a um texto de Carlos Drummond de Andrade. Já que se adaptam às mudanças sociais, históricas e culturais das esferas de atividade humana, os gêneros são bastante maleáveis e dinâmicos, e os aspectos linguísticos que os compõem aparecem fundamentados numa concepção social das práticas de linguagem.

Concordamos com Faraco (2003, p. 111) quando afirma que entender os gêneros como formas relativamente estáveis e normativas de enunciados não quer dizer que se priorizem suas características formais, pois o que constitui realmente um gênero é sua ligação com uma situação social de interação. O autor esclarece que a teoria dos gêneros no Círculo de Bakhtin “não pensa os gêneros em si (...), como conjuntos de objetos que partilham determinadas propriedades formais. Os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção”. Há, portanto, uma estreita correlação entre os tipos de enunciado e suas funções na interação sócio-verbal. O autor afirma ainda que Bakhtin atribui relevância à historicidade e à necessária imprecisão das características e fronteiras dos gêneros e não se propõe a fixar o que neles é móvel, isto é, naturalmente dinâmico. Esse dinamismo advém da heterogeneidade discursiva e reflete-se, consequentemente, na heterogeneidade da estrutura composicional dos enunciados.

Em razão disso, para que se compreenda melhor a complexa natureza dos enunciados, Bakhtin (1997) propõe uma distinção dos gêneros, dividindo-os em duas categorias: primários e secundários. Longe da pretensão de minimizar ou simplificar a heterogeneidade constitutiva desses gêneros e da própria atividade de linguagem, a divisão proposta pelo autor possibilita

entender que há formas simples e elementares de gêneros (primários), há formas mais complexas e elaboradas (secundários) e que as primeiras podem aparecer inseridas nas últimas, configurando, inclusive, um dos aspectos observáveis do enunciado: a absorção e transmutação de um gênero em outro. Vale ressaltar que, ao estabelecer essas categorias, o autor não as considera como independentes, mas sim, como interdependentes.

É possível perceber, através do número cada vez crescente de pesquisas em Análise de Gêneros, que os pressupostos bakhtinianos têm sido foco de diferentes leituras e, com isso, levado à elaboração de teorias e metodologias igualmente diversas. De acordo com Rojo (2005), entre os analistas de gêneros, alguns autores têm procurado seguir o método sociológico bakhtiniano, no qual, a partir de detalhada análise dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, buscam-se as marcas linguísticas que refletem tais aspectos no texto. Outros autores, no entanto, distanciaram-se um pouco desse método e optaram por centrar-se na descrição da materialidade textual, buscando compatibilizar análises textuais com as descrições de gêneros por meio de sequências e operações textuais. E, dentre os autores que adotaram esse último viés metodológico, citamos Jean-Michel Adam, que desenvolveu a base teórica adotada nesta pesquisa.

Como veremos adiante, Adam (1992) “desloca o ponto de vista sociolinguístico dos gêneros do discurso em direção a uma perspectiva mais estritamente linguística da textualidade para defender a ideia de que certo número de formas elementares prototípicas está na base de formas mais elaboradas”. (LEMOS, 2005. p.14)

Essa ideia parece estar relacionada também a uma questão levantada por van Dijk (1978, p.150) sobre a possibilidade de “reduzir as diferentes superestruturas” com as quais o autor tinha se deparado em seus estudos, “como a narração e a argumentação, a uma estrutura mais elementar ou a um pequeno número de superestruturas mais elementares”, ou seja, sobre a existência de uma base comum mais elementar para a tipologização dos textos. Segundo Bonini (2002, p. 53), “o trabalho de Adam surge como uma tentativa de responder a esta questão, ao eleger um número restrito de tipos como sendo fundamentais em relação aos demais, desenvolvendo, assim, o conceito de sequência textual”, ainda que o aspecto cognitivo seja tratado em segundo plano.

Assim, com base na concepção de sequência textual de Adam (1992), especificamente na elaboração do protótipo da sequência narrativa, optamos por investigar a sua realização na

organização textual da notícia, que consideramos um exemplar incontestável de gênero, conforme as postulações de Bakhtin, com as quais concordamos plenamente, independente das reformulações operadas por Adam na construção de sua teoria. No tópico seguinte, explicaremos melhor esta e outras questões referentes ao modelo teórico aqui adotado.

## 1.2 A concepção de gênero e de sequência textual para Adam

Como dissemos anteriormente, embora o ponto de partida de Adam para elaborar sua teoria sobre a noção de sequência sejam as concepções bakhtinianas de gênero e de enunciado (BAKHTIN, 1929, 1953), o autor propõe como objeto de estudo o que é estritamente linguístico em um texto. Além dos conceitos de gênero e enunciado, a noção de sequência tem suas bases, segundo Bonini (2005), em outros quatro conceitos-chave, reformulados em uma proposta global: o de protótipo (ROSCH, 1978); os de base e tipo de texto (WERLICH, 1976) e o de superestrutura (VAN DIJK, 1978).

Sobre a concepção de gênero de Bakhtin, Adam (1991, p.6) afirma que:

*Para o linguista soviético, “gêneros do discurso” e “tipos relativamente estáveis de enunciados” são “primários”, presentes tanto nos gêneros literários (gêneros “secundários” por excelência) quanto nos enunciados da vida corrente. (...) A hipótese bakhtiniana dos “gêneros do discurso”, anteriores – como a própria língua – à literatura, que eles ultrapassam por sua generalidade, tem o mérito de explicar a complexidade das formas mais elaboradas e de fundar esta complexidade numa tipologia das formas elementares. Os “tipos relativamente estáveis de enunciado” de que fala Bakhtin estão, com efeito, disponíveis para uma infinidade de combinações e transformações (1984, p.267) dentro dos gêneros “secundários”.*

Quanto à distinção dos gêneros em primários e secundários, Adam distancia-se dos postulados bakhtinianos ao considerar que os gêneros primários atravessam os secundários da mesma maneira que as formas elementares (sequências) atravessam as formas mais complexas (gêneros secundários), associando os conceitos de gêneros primários e sequências textuais, como se fossem equivalentes. Em nosso entender, Adam (1992) realizou uma interpretação equivocada da concepção bakhtiniana ao considerar a sequência textual como um componente textual tão elementar quanto o gênero primário, que, por se apresentar como um tipo nuclear menos heterogêneo, atravessa o gênero secundário, sendo responsável por sua estruturação. Discordamos desta equivalência conceitual entre o gênero primário e a sequência textual, uma vez que a *sequência* não pode ser considerada como uma *unidade viva da língua* a ponto de assumir a forma de um *gênero* como poderia ser feito por um *enunciado*.

A proposta de Bakhtin, ao realizar a divisão dos gêneros nessas duas categorias, foi a de facilitar a compreensão da complexidade que envolve a natureza dos enunciados e a de explicar o que parece lhes acentuar a diferença, que não é funcional, mas histórica. Rodrigues (2005, p.169) apresenta-nos uma reflexão mais detalhada sobre isso:

*Da análise da exposição do autor, depreende-se que a unidade de fundamento da diferenciação é histórica, assentada na concepção socioideológica da linguagem, tendo como critério de agrupamento a diferenciação que estabelece entre as ideologias do cotidiano e as ideologias estabilizadas e formalizadas. Os gêneros primários (conversa de salão, conversa sobre temas cotidianos ou estéticos, carta, diário íntimo, bilhete, relato cotidiano, etc.) se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas). Os gêneros secundários (romance, editorial, tese, palestra, anúncio, livro didático, encíclica, etc.) surgem nas condições da comunicação cultural mais “complexa”, no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas, “medeiam” as interações sociais: na esfera artística, científica, religiosa, jornalística, escolar, etc.*

Acreditamos que não se trata de que todo gênero secundário seja obrigatoriamente atravessado por um gênero primário, mas sim, que há a constante possibilidade, salientada pelo próprio Bakhtin, de muitos gêneros secundários absorverem e reelaborarem vários gêneros primários. De acordo com Bonini (2005, p.232), “ao substituir a noção de gênero primário pela de sequência, Adam rompe com o conceito de enunciado como formulado por Bakhtin”.

Para Adam (1992, p. 15), “um enunciado – «texto» no sentido de objeto material oral ou escrito, de objeto empírico –, observável e descritível, não é o texto, objeto abstrato construído por definição e que deve ser pensado no quadro de uma teoria (explicativa) de sua estrutura composicional”. Baseado nessa concepção, o autor propõe uma teorização linguística sobre a natureza heterogênea dos textos, privilegiando a estrutura linguístico-textual (dimensão textual) e deixando à parte as condições sócio-históricas de produção dos enunciados (dimensão discursiva).

Segundo Lemos (2005, p. 14), “para Adam, as práticas discursivas de que trata Bakhtin são formas elaboradas e pluridisciplinares, dotadas de codificações sociais que estão além das formas elementares de sequencialização textual”, e isso explicaria o distanciamento dessas condições na proposta teórica do autor. De acordo com Faraco (2003, p.91), também Bakhtin considerava que a língua em sua totalidade concreta e viva não poderia ser satisfatoriamente estudada por uma perspectiva estritamente linguística. “Daí ele propor uma

outra disciplina distinta da linguística, mas em constante correlação com ela, acrescentando a observação de que os limites entre ambas seriam, na prática, violados frequentemente”.

A proposta teórica de Adam (1991) parte da ideia de que a unidade *texto* é demasiado complexa e heterogênea para apresentar regularidades linguísticas observáveis e codificáveis, ao ponto de se poder falar em *tipos de texto*, o que impossibilita circunscrevê-la aos limites de uma definição estrita. Todavia, o autor aposta no caráter observável da diversidade e da heterogeneidade, considerando não apenas possível, mas necessário, definir linguisticamente alguns aspectos de tal complexidade. Assim, ele propôs que os fatos regulares, “narração, descrição, argumentação, explicação e diálogo”, fossem situados em um nível menos elevado de complexidade, ao qual chamou *sequencial*.

Considerando a heterogeneidade como uma marca constitutiva dos gêneros, Adam (1992) idealiza um quadro teórico no qual ela poderá, segundo ele, ser contemplada: o da organização sequencial da textualidade. Para o autor, somente a abordagem sequencial permitirá que se contemplem os casos de heterogeneidade discursiva, uma vez que as sequências são consideradas unidades mínimas constituintes do texto e sua descrição pode integrar a descrição da composição de um texto em um gênero heterogêneo.

A teoria composicional das sequências se propõe demonstrar o equilíbrio das relações entre os diversos constituintes de um texto na construção de seu efeito de sentido, as decisões composicionais e as soluções implementadas para se alcançar os objetivos pretendidos no texto e as restrições que ele respeita, sejam de ordem genérica ou de ordem linguístico-formal, embora a correlação entre elementos da organização textual e as condições de produção sejam realizadas no sentido oposto ao delineado por Bakhtin.

Para Adam (1999), os gêneros são tipos de práticas sociodiscursivas que ligam, tanto na produção quanto na interpretação, um texto sempre singular a uma “família” de textos, pois apresentam características suficientemente estáveis, em função dos objetivos, interesses e questões específicas elaborados pelas formações sociais. Ainda segundo o autor:

*Os gêneros (como a língua) são convenções presas entre dois princípios mais complementares que contraditórios: a) um princípio centrípeto de identidade, voltado para o passado, para a repetição, para a reprodução, e governado por regras (núcleo normativo); e b) um princípio centrífugo de diferença, direcionado para o futuro, para a inovação e para o deslocamento das regras (variação).*

Por causa disso, o autor afirma que “é preciso dar conta, em certa medida, da reflexão linguística, ou seja, da determinação recíproca das práticas discursivas não somente quanto às restrições genéricas, mas também quanto às restrições da língua”. E a respeito da relação entre gênero e texto, Adam (1999) conclui:

*Um texto é, portanto, por definição, um objeto em tensão entre as regularidades interdiscursivas de um gênero e as variações inerentes à atividade enunciativa de sujeitos engajados em uma interação verbal sempre historicamente singular. O gênero é somente o horizonte do texto, mas é bem mais que isso para o enuncrador e para o enunciatário (é um horizonte de espera).*

Considerando a complexidade e a heterogeneidade dos gêneros discursivos e a experiência comum dos falantes que os utilizam, Adam (1991) analisa os planos de organização textual, define o texto como uma *estrutura sequencial heterogênea* e teoriza sobre a dependência do efeito de sentido de um texto quanto à relação entre duas representações complementares, uma pragmática e outra estrutural, às quais, ele denominou, respectivamente, *dimensão configuracional* e *dimensão sequencial*.

Para alguns autores, há, neste aspecto, certa contradição no modelo de Adam que o torna alvo de críticas: mesmo sendo reconhecida essa complementaridade e conferida à dimensão configuracional maior importância, isto se restringe ao âmbito teórico, pois os estudos centralizam-se na dimensão sequencial<sup>10</sup>. De acordo com Bonini (2005), o autor considera que proceder a um estudo da dimensão configuracional não seria possível ao campo da Linguística Textual, dada a impossibilidade ou a dificuldade de se colocar em relação direta com a situação de enunciação-produção do discurso e da interação social. Por conta disso, privilegia a observação das regularidades textuais, mas afirma que a restrição aos fenômenos de natureza social “é de ordem metodológica e que não pressupõe uma autonomia (que seria fictícia) das produções linguísticas em relação ao discurso.” (p. 214)

Examinando a figura 1, vemos a representação das dimensões configuracional e sequencial através dos planos de organização da textualidade (A1, A2, A3; B1 e B2), responsáveis por demonstrar o caráter reconhecidamente heterogêneo do texto. Adam explica cada um dos planos abaixo, considerando a organização sequencial como somente um desses

<sup>10</sup> Entendemos que a representação estrutural de qualquer texto está condicionada à sua representação configuracional, ou seja, o que aparece materializado linguisticamente já está “marcado” pelas condições que determinaram essa materialidade. Em razão disso, não nos pareceu que o recorte metodológico feito por Adam, ao privilegiar o sequencial em detrimento do configuracional, fosse prejudicial à análise, porque a nosso ver ele não conseguiria “livrar-se” das determinações pragmáticas que subjazem os textos.

planos de organização da textualidade, a partir do qual define o texto como uma estrutura composta por sequências.

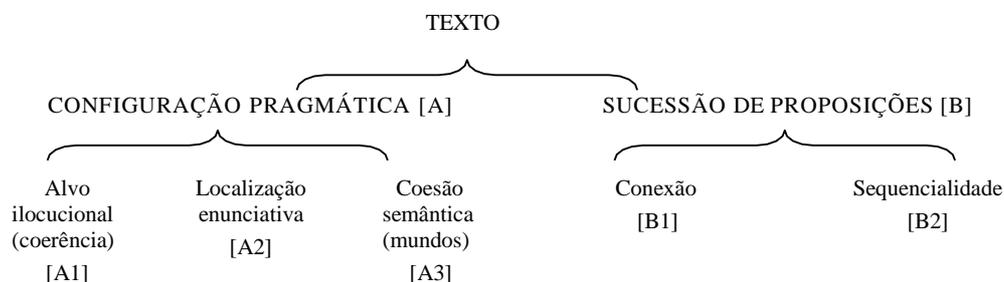


Figura 1: Os planos de organização da textualidade (Adam, 1992, p. 21)

Adam (1992, p.21) afirma que, dentro da perspectiva pragmática e textual que ele tem adotado, um TEXTO pode ser considerado como uma *configuração regida por diversos módulos ou subsistemas em constante interação*. Ou seja, um **texto** [T] é, por um lado, pragmaticamente (ou configuracionalmente) organizado [A] e, por outro lado, é uma sequência de proposições [B]. O módulo da **configuração pragmática** comporta três dimensões: uma **argumentativa** [A1], outra **enunciativa** [A2], e a última, **semântico-referencial** [A3]. O módulo da **sucessão de proposições** é, em si, duplamente organizado: **organização geral** para a gramática da frase e para a gramática do texto [B1], de um lado, e **organização específica** para a sequencialidade (os tipos de sequência) [B2], de outro<sup>11</sup>.

Segundo ele, no plano [A1], “um texto é uma sequência de atos de discurso que pode ser considerada por si só como um ato de discurso unificado”. No plano [A2], “uma ancoragem enunciativa global confere a um texto sua tonalidade enunciativa de conjunto enquanto alterna incessantes mudanças de planos enunciativos”. (Idem, p.23) No plano [A3], “a dimensão semântica global é representada pelo que se chama a macroestrutura semântica ou, mais simplesmente, o tema global de um enunciado”. (Idem, p.24) Os planos [B1] e [B2] asseguram a articulação entre as proposições: [B1], no nível da conexão local, onde ocorrem, por exemplo, pronominalizações, referências dêiticas, etc.; e [B2], no nível da organização sequencial da textualidade.

A essas explicações, Bonini (2005, p. 216) complementa: no primeiro submódulo, o texto é atravessado por um objetivo explícito ou não de agir sobre as representações, as

<sup>11</sup> As expressões *módulo* e *submódulo* também podem ser utilizadas e referem-se, respectivamente, às expressões *dimensão* e a *plano de textualidade*.

crenças e/ou sobre o comportamento de um destinatário; no segundo, dá-se o processo de ancoragem enunciativa que confere ao texto uma especificidade (oral, escrito, poético, etc.); e no terceiro, estabelece-se um “mundo representacional do qual decorre e ao qual se filia o tema global do texto”. Quanto aos submódulos da conectividade e da sequencialidade, tem-se, respectivamente, o processo de coesão propriamente dito, e a “organização das proposições em agrupamentos característicos”, ou seja, as sequências textuais funcionando como “recurso cognitivo indispensável à produção e à compreensão do texto”.

É neste segundo submódulo que se concentra a teorização de Adam, segundo a qual, enfocando a arquitetura das proposições, pode-se chegar a uma base tipológica mínima, a um conjunto de sequências de base (esquemas prototípicos) elaborado pelos sujeitos no decorrer de suas interações. Assim, ao invés de enquadrar o texto numa única tipologia, Adam (1992, p.30) afirma que, enquanto estrutura sequencial, ele pode ser constituído por um número *n* de sequências, expressas de forma completa, apresentando todas as suas fases; ou incompleta, com a elipse de alguma delas.

A unidade textual que o autor designa como sequência pode ser definida como uma *rede relacional hierárquica* (decomponível em partes unidas entre si e ao todo que elas constituem) e também como uma *entidade relativamente autônoma*, com organização interna própria e em relação de dependência/independência com o conjunto mais amplo do qual ela faz parte. Cada sequência é constituída por um conjunto de macroproposições, que são agrupamentos ou blocos constituídos, por sua vez, de uma ou mais (micro) proposições que exercem a mesma função.

Para Adam (1991, p.12), “definir o texto como uma estrutura sequencial permite abordar a heterogeneidade composicional em termos hierárquicos muito gerais”. A partir disso, ele chega à fórmula geral<sup>12</sup> **[#T# [sequência(s) [macroproposição(ões) [proposição(ões) ]]]]** e explica:

*Isto significa que as (micro)proposições são os componentes de uma unidade superior, a macroproposição, ela mesma unidade constituinte da sequência, ela mesma unidade constituinte do texto. Poder, assim, definir cada unidade como constituinte de uma unidade de extensão hierárquica superior e constituída de unidades de extensão inferior me parece ser a condição primeira de uma abordagem unificada da sequencialidade textual.*

<sup>12</sup> Nessa fórmula, o sinal de sustenido (#) indica as fronteiras (para) textuais, marcadas em termos de início e fim da comunicação.

Bonini (2005, p.218) destaca que dois traços específicos caracterizam uma sequência: sua correspondência “a um conjunto hierarquicamente organizado de macroproposições” e sua atualização no texto “mediante as exigências pragmáticas de enunciado (correspondentes em parte ao gênero)”. Essas exigências “podem levar o texto a explicitar, em sua superfície, mais de uma sequência, ao que uma delas será dominante, devendo as demais a ela se adequar”.

Há dois casos específicos em que a abordagem sequencial permite considerar a ocorrência de estruturas sequenciais heterogêneas: a inserção de sequências e a dominância sequencial. Segundo Adam (1991, p.13), “quando se alternam sequências de tipos diferentes, aparece uma relação entre sequência inserinte e sequência inserida”. Assim, “a inserção de um diálogo em uma narrativa pode corresponder à estrutura: [seq narrativa [seq conversacional] seq narrativa], e a de uma narrativa em um diálogo, ao esquema inverso: [seq conversacional [seq narrativa] seq conversacional]”. Estes exemplos configuram a inserção de uma sequência em outra. Quanto à configuração da relação de dominância, a descrição é diferente, pois não se trata da inserção marcada de uma sequência completa, mas sim, de uma mistura de sequências de tipos diferentes, exemplificada pelo autor de outro modo:

*A relação pode então ser dita **dominante**, segundo uma fórmula [seq dominante > seq dominada] que dará lugar, por exemplo, à ressaltação de macroproposições de uma sequência narrativa pelos conectores argumentativos (parênteses marcados): [seq narrativa > seq argumentativa].*

Apesar das explicações do autor, temos em mente que a delimitação de uma e outra ocorrência não seja assim tão simples de identificar, mas, nesta pesquisa, não vamos nos deter na verificação deste aspecto, pois interessa-nos focalizar a materialização da sequência narrativa e não a presença das demais sequências na notícia.

Como dissemos anteriormente, Adam (1992) trabalha com a hipótese de que as regularidades composicionais de que falava Bakhtin estão na base das regularidades sequenciais e, por conta disso, considera que as sequências elementares parecem reduzir-se a alguns tipos de base de articulação de proposições, aos quais denominou como sequências prototípicas e classificou como *descritiva*, *argumentativa*, *explicativa*, *dialogal* e *narrativa*. Cada uma das sequências consideradas por Adam foi delimitada em um modelo prototípico de base, com suas respectivas fases. Nesta pesquisa, utilizamos como referencial teórico-metodológico apenas o *protótipo da sequência narrativa*, sobre o qual falaremos mais detalhadamente no tópico seguinte.

### 1.2.1 O protótipo da sequência narrativa

Para Adam (1992, p.45), “enquanto unidade textual, toda narrativa corresponde, na verdade, idealmente à definição mínima que podemos dar da textualidade: sequência de proposições ligadas progredindo para um fim”. O autor estabelece seis constituintes de base para toda narrativa e, conseqüentemente, para a identificação da sequência narrativa: a ocorrência de uma sucessão de acontecimentos, uma unidade temática com, pelo menos, um ator-sujeito, predicados transformados, um processo, a causalidade de uma colocação em intriga e uma avaliação final explícita ou implícita.

A *sucessão de eventos*<sup>13</sup> ocorre num tempo  $t$ , depois  $t + n$ , ou seja, há um critério de temporalidade que envolve as narrativas, e é necessário que esta temporalidade de base seja dominada por uma tensão: a determinação retrógrada que faz com que uma narrativa caminhe para seu fim ( $t + n$ ), sendo organizada em função desta situação final. Sobre a *unidade temática*, a presença de (pelo menos) um ator antropomórfico (constante, individual ou coletivo) é indispensável, embora a unicidade do ator (principal) não garanta, por si só, a unidade da ação, pois este critério só se torna pertinente quando posto em relação com os outros componentes: com a sucessão temporal e com predicados (qualificativos ou funcionais) que caracterizam este sujeito.

Os *predicados transformados* dizem respeito à correspondência do instante  $t + n$ , à mudança de estado inicial do sujeito no instante  $t$ ; ou seja, a situação e/ou o estado inicial ( $t$ ) em que o sujeito se encontrava sofre mudança e se estabelece numa nova situação ( $t + n$ ). O *processo* refere-se à integração dos elementos da narrativa na unidade de uma mesma ação, ou seja, a sucessão de ações e acontecimentos é responsável pela transformação dos predicados iniciais. A noção de ação una e da formação de um todo que tem começo, meio e fim, estabelece a tríade clássica da narrativa, para a qual alguns termos mais comuns servem de designação como, por exemplo: começo/exposição, intriga/desenvolvimento,

<sup>13</sup> A sucessão de eventos (fatos) refere-se à série de ações e acontecimentos que integram qualquer narrativa e que, segundo Adam e Revaz (1997), abarcam duas realidades distintas, a respeito das quais, estabelecem uma distinção: a “ação” (que se caracteriza pela presença de um agente que provoca a mudança) e o “acontecimento” (que advém sob o efeito de causas, sem intervenção intencional de um agente). (p.18 e 19)

conclusão/desfecho. Para que haja narrativa, é necessário que os predicados transformados aconteçam no curso de um processo<sup>14</sup>.

Segundo Adam (1992), o próprio processo transformacional pode ser decomposto em três momentos: m2 (início do processo), m3 (durante o processo) e m4 (fim do processo). E para que se passe da simples sequência linear e temporal dos momentos “início, meio e fim” à lógica singular da narrativa, é absolutamente necessário operar uma colocação em intriga, ou seja, introduzir uma problematização que ponha de lado a lógica da temporalidade em detrimento das relações estabelecidas na narrativa. Isto diz respeito à *causalidade narrativa* desta colocação *em intriga*, na qual é preciso substituir “o encadeamento cronológico pela ordem causal” (Sartre, 1947:147, apud ADAM, 1992, p.51)<sup>15</sup>. Para o autor (1992), essa substituição da lógica da temporalidade é, antes de tudo, realizada pela “lógica” macroproposicional da colocação em intriga, que leva em conta o esquema quinário seguinte, o qual hierarquiza as relações entre os cinco momentos (m) de todo o processo no interior de uma sequência (ou de um texto inteiro):

Sequência narrativa

Situação inicial (Orientação)	Complicação Desencadeador 1	Ações ou Avaliação	Resolução Desencadeador 2	Situação final
Pn1	Pn2	Pn3	Pn4	Pn5
(m1)	(m2) + (m3) + (m4)			(m5)

Figura 2: Esquema quinário da narrativa (Adam, 1992, p. 54)

De acordo com Adam (1992), cada um dos momentos apresentados no esquema da figura 2 tem uma função específica que os liga à macroproposição que integram. Os momentos (m1) e (m5) delimitam o ANTES e o DEPOIS do processo transformacional dos predicados que ocorre nos momentos (m2), (m3) e (m4). Os elementos fundamentais da

<sup>14</sup> Encontramos em Bonini (2005, p.219) uma reflexão bastante interessante a este respeito: “A noção de *processo*, própria da narrativa, parece-me, nem sempre exigirá a linearização dessas três etapas (início, meio e fim). Essa sequência se aplica a uma narrativa pessoal completa, mas não necessariamente a trechos narrativos dentro de um determinado gênero de texto (como é o caso da notícia)”.

<sup>15</sup> De acordo com Lemos (2005, p.21) é essa *causalidade da intriga* que diferencia *narrativas de textos processuais*, como as receitas, em que ocorre uma transformação durante um processo, mas que não podem ser consideradas narrativas.

sequência narrativa estão localizados no percurso das macroproposições Pn2 a Pn4, onde ocorre o processo da intriga<sup>16</sup> (fato que quebra a ordem estabelecida e desencadeia ações que levam a uma resolução e a uma nova situação de equilíbrio), que se realiza necessariamente entre a Situação inicial (Pn1) e a Situação final (Pn5), macroproposições que representam os momentos de equilíbrio da ação.

O esquema acima exposto ainda não constitui o modelo final do protótipo. Um sexto componente da sequência narrativa, que não aparece no esquema apresentado na figura 2, corresponde a um fim-finalidade sob a forma de *avaliação final*, explícita (moral) ou implícita, que se refere mais comumente aos julgamentos feitos sobre os fatos lidos. Como nem todos os textos apresentam uma moral, sua representação no modelo sequencial de base construído por Adam aparece de maneira distinta, para evidenciar o caráter facultativo, com uma macroproposição específica (PnΩ), como podemos ver na figura 3.

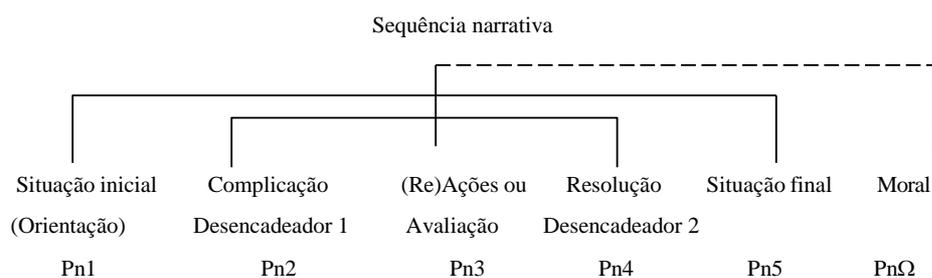


Figura 3: Esquema da sequência narrativa (Adam, 1992, p. 57)

O esquema representado na figura acima constitui o modelo final do protótipo narrativo de Adam e as fases (macroproposições) que o compõem estão fundamentadas nos elementos que, segundo o autor, caracterizam e permitem a identificação de uma narrativa (a sucessão de eventos, a unidade temática, os predicados transformados, o processo, a intriga e a avaliação final) e nos estudos sobre narrativas orais desenvolvidos por Labov e Waletzky (1967), nos quais Adam também se inspirou.

De acordo com Paredes Silva (1999, p.81), através desses estudos, os autores avaliaram a fluência real de pessoas de baixa condição social (no caso, grupos de adolescentes negros) e puderam contestar a hipótese bernsteiniana da “pobreza ou privação verbal”. O

<sup>16</sup> De acordo com Adam & Revaz (1997, p.79), a estrutura da intriga é determinante para a narrativa e, portanto, só se falará em “construção em forma narrativa quando uma ou várias proposições forem interpretáveis como Nó-Pn2 e como Desenlace-Pn4”, ou seja, uma Complicação seguida de sua Resolução. O par Nó-Desenlace constitui o elemento determinante de toda a construção da intriga, por isso a afirmação de que os elementos fundamentais se encontram entre Pn2 e Pn4.

resultado obtido por meio dessas pesquisas favoreceu a análise da organização do gênero e levou ao trabalho clássico sobre as partes componentes da narrativa. De acordo com Baltar (2004, p.80), foi a partir dos estudos desses autores que surgiu um modelo padrão de sequência narrativa, em que são apresentadas cinco fases principais e duas secundárias:

- *situação inicial ou fase de orientação ou exposição, em que um estado de coisas é apresentado, um estado a princípio equilibrado que deverá ser tensionado;*
- *complicação ou desencadeamento ou transformação, que introduz uma tensão;*
- *ação que apresenta os acontecimentos desencadeados por essa tensão;*
- *resolução ou re-transformação, que introduz acontecimentos no sentido de reduzir a tensão gerada na fase de complicação;*
- *situação final que descreve ou explica o novo estado de coisas ou o equilíbrio originado da resolução das tensões.*  
*De acordo com a posição do narrador, com relação à história narrada e ao efeito de sentido que ele quer provocar no seu interlocutor, pode-se acrescentar a essas fases outras duas:*
- *avaliação: comentário relativo ao desenrolar da história, que tem posição livre na sequência;*
- *moral: que surge no final da sequência, com o intuito de apresentar uma significação para orientar na interpretação da história narrada.*

O protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) assimilou a maioria dessas fases, reformulando e/ou acrescentando algo à sua descrição, sendo mais significativa a transformação das fases ditas secundárias em uma só: a Moral (Pnfi). Esta fase, em nossa opinião, deveria ter sido denominada pelo autor como *Avaliação Final*, pois marcaria a contento tanto uma avaliação explícita quanto implícita, o que não acontece com o uso da denominação *Moral*<sup>17</sup>. As demais fases sofreram pequenas alterações, mas conservaram as ideias principais, conforme explicaremos na metodologia.

Como dissemos na introdução desta pesquisa, realizamos um estudo-piloto, a partir da concepção do protótipo da sequência narrativa de Adam (1992), no qual procedemos à análise comparativa da organização textual dos gêneros fábula e notícia. Através de uma amostra desses gêneros (10 exemplares de cada), verificamos aspectos muito interessantes na aplicação do modelo prototípico narrativo, tanto para a descrição da organização textual narrativa no gênero literário fábula quanto para a descrição da mesma organização no gênero notícia.

<sup>17</sup> Apesar disso, utilizaremos a macroproposição Moral (PnΩ) em nossa análise para marcar ambas as formas de avaliação (explícita e/ou implícita). No caso do gênero desta investigação, a ocorrência de uma avaliação explícita é pouco provável, mas, se nos depararmos com algum caso em que seja verificada, sua ocorrência será registrada. Consideraremos, com Adam, a facultatividade desta sequência, ou seja, sendo ou não identificada na notícia, isto não impedirá que tenhamos uma sequência narrativa completa, caso as demais macroproposições sejam identificadas.

Na fábula, o protótipo da sequência narrativa se mostrou um modelo bastante representativo de descrição da sua organização textual. Os textos selecionados apresentaram poucas variações para o esquema proposto por Adam (1992), uma vez que tanto a progressão temática quanto a própria sequência linear das ações presentes nas fábulas preencheram as macroproposições do esquema, inclusive na ordem prevista pelo autor, conforme ilustramos por meio da fábula de Esopo “A Raposa e as Uvas”, transcrita e analisada abaixo.

### **A Raposa e as Uvas**

Uma raposa solitária, há muito tempo sem comer e magra de fome, depois de muito perambular, chegou a um parreiral. As parreiras estavam cobertas de frutos, com muitos cachos de uvas, cheios e maduros, prontos para comer. Como não havia ninguém à vista, a raposa entrou sorrateiramente no parreiral, mas logo descobriu que as uvas estavam muito altas, pois os galhos das plantas se enroscavam num alto caramanchão, fora do seu alcance. Ela pulou, errou, tornou a pular; mas todos os seus esforços foram inúteis. Cansada, a raposa começou a sentir dores pelo corpo, em resultado dessas repetidas tentativas no sentido de matar a fome. Finalmente, frustrada e zangada, a pobre raposa, depois de um último pulo, exclamou: Ora, eu não quero mesmo essas uvas! Estão verdes, não prestam.

*Quem desdenha quer comprar*

Macroproposição	Ocorrência na fábula
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Referência aos personagens (a raposa e as uvas), ao lugar (o parreiral), ao tempo (“depois de muito perambular”), etc. Uma raposa faminta chega a um parreiral e entra para tentar pegar as uvas e saciar sua fome.
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	Processo de transformação dos predicados (início): A raposa tem a possibilidade de matar sua fome ao invadir o parreiral para pegar as uvas, mas percebe que elas estão muito altas. “a raposa entrou sorrateiramente no parreiral, mas logo descobriu que as uvas estavam muito altas...”
Ações ou Avaliação (Pn3)	Processo de transformação dos predicados (meio): A raposa faz várias tentativas de alcançar as uvas, mas não consegue. “Ela pulou, errou, tornou a pular...”
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	Processo de transformação dos predicados (fim): A raposa sente o cansaço. “Cansada, a raposa começou a sentir dores pelo corpo, em resultado dessas repetidas tentativas no sentido de matar a fome.”
Situação final (Pn5)	Ao perceber que suas tentativas foram em vão, a raposa desiste. “Finalmente, frustrada e zangada, a pobre raposa, depois de um último pulo...”
Moral (coda ou avaliação final) (PnΩ)	Explícita ao final da fábula.

Nessa fábula, a sucessão de ações aparece em ordem cronológica, numa progressão temática que revela explicitamente *começo, meio e fim* da história. O texto apresenta uma situação inicial que é transformada por meio de ações/reações de um dos personagens após o surgimento de uma complicação, cuja resolução leva a um estado final, que corresponde, nesse caso, ao fracasso de um dos personagens (raposa) por meio de sua desistência. Podemos ver também nesse exemplo que cada proposição narrativa representa uma macroproposição do modelo, seguindo a ordem hierárquica das macroproposições plenamente. Apenas duas das

dez fábulas da amostra, “A Formiga e a Pomba” e “O Filhote de Cervo e sua Mãe”, não apresentaram essa mesma estrutura textual, como demonstramos a seguir.

### **A Formiga e a Pomba**

Uma Formiga foi à margem do rio para beber água e, sendo arrastada pela forte correnteza, estava prestes a se afogar. Uma Pomba, que estava numa árvore sobre a água, arrancou uma folha e a deixou cair na correnteza perto dela. A Formiga subiu na folha e flutuou em segurança até a margem.

Pouco tempo depois, um caçador de pássaros veio por baixo da árvore e se preparava para colocar varas com visgo perto da Pomba que repousava nos galhos alheia ao perigo. A Formiga, percebendo sua intenção, deu-lhe uma ferroadada no pé. Ele repentinamente deixou cair sua armadilha e, isso deu chance para que a Pomba voasse para longe a salvo.

*Quem é grato de coração sempre encontrará oportunidades para mostrar sua gratidão*

Macroproposição	Ocorrência na fábula
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Referência aos personagens (formiga, caçador, pomba), ao lugar (rio, árvore), ao tempo (“pouco tempo depois”), etc. (1ª sequência narrativa): A formiga bebendo água à beira do rio. (2ª sequência narrativa): O caçador; A pomba descansando nos galhos.
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	(1ª sequência narrativa): A possibilidade de afogamento da formiga; (2ª sequência narrativa): O perigo que ameaça a pomba com a aproximação do caçador
Ações ou Avaliação (Pn3 )	(1ª sequência narrativa): “arrancou uma folha e a deixou cair...”; “subiu na folha...” (2ª sequência narrativa): “deu-lhe uma ferroadada no pé”; “deixou cair sua armadilha..”
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	(1ª sequência narrativa): “flutuou em segurança até a margem” (2ª sequência narrativa): “voasse para longe a salvo”
Situação final (Pn5)	Os dois animais ficaram a salvo Elipse (por ser facilmente dedutível)
Moral (coda ou avaliação final) (PnΩ)	Explícita ao final da fábula

Nesse exemplar, além de constatarmos a presença de mais de uma sequência narrativa em sua estrutura, percebemos que as proposições seguem apenas parcialmente a ordem hierárquica prototípica ao representarem as macroproposições. Isso, no entanto, não invalida o esquema prototípico, pois a variação da ordem das macroproposições é algo previsto pelo autor.

Uma observação importante sobre a fábula se refere à macroproposição Moral (PnΩ): considerada por Adam como pouco recorrente ou comumente não explicitada na maioria dos textos<sup>18</sup>, neste gênero, ao contrário, ela é uma macroproposição essencial. A Moral (PnΩ) representa a “máxima” que a fábula quer insinuar, sua característica fundamental, e as demais macroproposições narrativas se colocam a serviço desta máxima como um recurso para que o propósito argumentativo do gênero seja alcançado.

<sup>18</sup> Consideração que levou o autor a indicá-la como sendo de ocorrência facultativa e representá-la por meio de uma linha pontilhada no protótipo.

Constatamos, com base nesse estudo-piloto, que o esquema prototípico narrativo construído por Adam pode apresentar-se de forma bastante distinta a depender do gênero ao qual seja aplicado e, em vista disso e do fato de que não encontramos nenhum exemplar de notícia que tivesse sido submetido à análise pelo autor, optamos por centralizar nossa análise na realização do protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual do gênero notícia, uma vez que, se no gênero literário fábula sua aplicação foi satisfatória e pouco contestável, o mesmo não aconteceu quanto à notícia. Em se tratando desse gênero, a aplicação do protótipo revelou aspectos muito interessantes da sua organização textual que, de certa forma, vão de encontro a algumas postulações do autor ou à conformação prototípica da narrativa, conforme veremos no capítulo de análise.

Concluída a teorização sobre o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992), apresentamos no tópico seguinte algumas noções teóricas sobre a organização sequencial da textualidade sob um outro viés teórico-metodológico: o de Jean-Paul Bronckart. O referido autor, à semelhança de Adam e com base neste, também teoriza sobre a sequência narrativa e apresenta considerações que julgamos pertinentes dar a conhecer, ainda que, sua utilização em nossa análise seja apenas ocasional, em vista de nossa teoria de base ser suficiente para atingirmos aos objetivos a que nos propusemos.

### **1.3 A concepção de gênero e de sequência textual para Bronckart**

Mesmo apontando as postulações de Bakhtin como uma de suas principais referências, Bronckart (1999) vê com reservas dois aspectos da teoria dos gêneros discursivos bakhtinianos: a “relação de dependência quase mecânica entre formas de atividades e gêneros do discurso” e a terminologia “flutuante” resultante da evolução interna da obra de Bakhtin e também de problemas de não-fidedignidade na tradução de sua obra. Em razão disso, o autor esclarece suas definições para *texto*, *gênero de texto* e *tipo de discurso* com o propósito de fugir de possíveis confusões terminológicas:

*Chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação, ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão de **gênero de texto** em vez de gênero de discurso. Enquanto, devido a sua relação de interdependência com as atividades humanas, os gêneros são múltiplos, e até mesmo em número infinito, os segmentos que entram em sua composição (segmentos de relato, de argumentação, de diálogo, etc.) são em número finito, podendo, ao menos parcialmente, ser identificados por suas*

*características linguísticas específicas (...). Na medida em que apresentam fortes regularidades de estruturação linguística, consideraremos que pertencem ao domínio dos tipos; portanto, utilizaremos a expressão **tipo de discurso** para designá-los, em vez da expressão tipo textual. (idem, p.75-76)*

Para Bronckart (1999), os gêneros de textos são entidades profundamente *vagas*, embora seja possível considerar que todo exemplar de texto observável pertença a um determinado gênero. A multiplicidade de classificações divergentes e parciais impede, segundo o autor, a fixação de um modelo de referência estabilizado e coerente, e está relacionada ao caráter histórico (e adaptativo) das produções textuais.

Ainda que considere como critério mais objetivo para a identificação e classificação dos gêneros o das *unidades* e das *regras linguísticas específicas* que eles mobilizam, o autor conclui que:

*Se cada texto constitui, de fato, uma **unidade comunicativa**, o gênero ao qual um determinado texto pertence nunca pode ser completamente definido por **critérios linguísticos**; somente os diferentes segmentos que compõem um gênero podem ser reconhecidos e classificados por tais critérios. (idem, p.75)*

De acordo com ele, independente do gênero a que pertençam, os textos são constituídos por segmentos de estatutos diferentes, denominados *tipos de discurso*, e é tão-somente no nível desses segmentos que podem ser identificadas regularidades de organização e de marcação linguísticas. Os tipos de discurso são, portanto, formas linguísticas identificáveis nos textos, “que traduzem a criação de **mundos discursivos**<sup>19</sup> específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de **textualização** e por mecanismos **enunciativos** que conferem ao todo textual sua coerência sequencial e configuracional”. (1999, p.149).

Esses mecanismos de textualização e enunciativos são estratos (ou camadas) que constituem, juntamente com a infraestrutura geral do texto, o que Bronckart (idem) denomina por *folhado textual*. Em seu quadro conceitual, ele estabelece que a arquitetura interna dos textos pode ser descrita a partir da superposição desses três estratos. No quadro 1, apresentamos resumidamente esses níveis de análise da organização textual e os elementos que os compõem.

<sup>19</sup> Bronckart (1999) denomina de *mundos discursivos* os mundos virtuais criados pela atividade de linguagem e de *mundo ordinário* os mundos representados em que se desenvolvem as ações de agentes humanos.

<b>Infraestrutura geral do texto</b>	
Plano geral	Organização de conjunto do conteúdo temático; mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo
Tipo de discurso	Designa os diferentes segmentos que o texto comporta (discurso interativo, discurso teórico, relato interativo, narração)
Articulações entre tipos de discurso	Encaixamento Fusão
Sequências (além dos scripts e das esquematizações)	Designa modos de planificação mais convencionais, ou, mais especificamente, modos de planificação da linguagem
<b>Mecanismos de textualização</b>	
Conexão	Marca as articulações da progressão temática (organizadores textuais)
Coesão nominal	Função de introduzir os temas e/ou personagens novo, e de assegurar sua retomada ou sua substituição no desenvolvimento do texto
Coesão verbal	Assegura a organização temporal e/ou hierárquica dos processos (estados, acontecimentos ou ações) verbalizados no texto e são essencialmente realizados pelos tempos verbais
<b>Mecanismos enunciativos</b>	
Posicionamento enunciativo e vozes	Identificação complexa; é a partir dos “mundos virtuais” e das instâncias que os regem, que são distribuídas e orquestradas as vozes que se expressam no texto
Modalizações	Avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático (na tradição gramatical)

Quadro 1: Os componentes do folhado textual segundo Bronckart

De acordo com Baltar (2004), ao retomar a tese dos mundos discursivos, Bronckart parte das oposições traçadas por Benveniste (1991) e por Weinrich (1975) e propõe uma alteração: enquanto Benveniste coloca em oposição o *mundo narrativo* (histórico) e o *mundo do discurso* (um mundo de interação dialogada), e Weinrich opõe o *mundo narrado* ao *mundo comentado* (teórico), Bronckart opõe os mundos discursivos do *narrar* e do *expor*. O autor (1999, p.152) sustenta que esses mundos discursivos se constroem, entre outras coisas, com base em dois subconjuntos de operações, a respeito das quais explica:

*As primeiras explicitam a relação existente entre as coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas gerais do mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem de que o texto se origina. As segundas dizem respeito, mais especificamente, ao relacionamento entre, de um lado, as diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal, tais como são mobilizadas em um texto, e, de outro, os parâmetros físicos da ação de linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor eventual e espaço-tempo de produção).*

Essas operações de construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático em um texto podem aparecer sob duas circunstâncias: de disjunção ou conjunção. Segundo Bronckart (1999, p.153), quando as operações de construção dessas coordenadas são apresentadas de maneira **disjunta** das coordenadas do mundo ordinário da ação da linguagem do produtor do texto (ou seja, quando as representações de conteúdo referem-se a fatos passados, a fatos futuros e a fatos plausíveis ou imaginários, com sua organização ancorada em uma origem no tempo e no espaço), trata-se do *mundo do narrar*. Quando, ao contrário, essas coordenadas são apresentadas de maneira **conjunta** ao mundo ordinário dos agentes produtores das ações de linguagem (ou seja, quando as representações mobilizadas não são ancoradas em nenhuma origem no tempo e no espaço), trata-se do *mundo do expor*.

A depender das relações estabelecidas entre os parâmetros da ação de linguagem em curso e a relação do texto com suas instâncias de agentividade, as operações de explicitação podem ser de *implicação* ou de *autonomia*. Considerando isso, Bronckart (1999, p.155) define quatro mundos discursivos: a) Mundo do Expor implicado; b) Mundo do Expor autônomo; c) Mundo do Narrar implicado; e d) Mundo do Narrar autônomo; e esclarece que “esses mundos assim como as operações em que se baseiam não são, entretanto, identificáveis, senão a partir das formas linguísticas que os semiotizam, sendo eles, portanto, dependentes dessas formas linguísticas<sup>20</sup>”.

De acordo com Baltar (2004, p.76), a partir da bipartição dos dois mundos discursivos do Narrar e do Expor, aplicando-se os parâmetros de implicação e/ou de autonomia, chega-se aos quatro tipos de discurso de base da teoria de Bronckart (1999), designados como: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração. Cada um desses discursos apresenta, segundo o autor, características de configuração interna que podem variar de língua para língua, mas que, de acordo com pesquisas realizadas, mantém-se numa certa regularidade em relação às unidades linguísticas e às unidades de planificação. E a respeito destas últimas, Baltar (idem, p.78) explica:

*Com relação às unidades organizacionais que configuram os tipos de discurso, Bronckart (1999) cita as unidades sequenciais, unidades de planificação*

<sup>20</sup> Este aspecto específico de sua teoria demonstra a relevância da materialidade textual, também valorizada por Adam, embora este último não considere tais mundos em suas postulações. Nesta pesquisa, não analisaremos a notícia com vistas a verificar em qual dos mundos discursivos ou dos tipos de discurso ela se enquadraria, uma vez que nosso objetivo é investigar apenas a atualização do protótipo da sequência narrativa no texto noticioso e sua relação com as regularidades composicionais do próprio gênero. Apesar disso, reconhecemos que o modelo de Bronckart permitiria um estudo muito interessante e mais abrangente da organização textual do gênero, que poderá ser realizado em estudos futuros.

*convencionais e mais duas unidades de planificação: o script e a esquematização.*

*Vejam como se dá essa relação:*

*a) Discurso interativo: predomínio da sequência dialogal;*

*b) Discurso teórico: predomínio do plano expositivo puro ou esquematização, ou sequência descritiva, explicativa e argumentativa;*

*c) Relato interativo: predomínio de script e sequência narrativa;*

*d) Narração: predomínio de sequência narrativa e de sequência descritiva.*

Como podemos ver, é no âmbito da infraestrutura geral do texto que Bronckart (1999) situa os tipos de discurso e, conseqüentemente, a sequência textual. Para ele, a infraestrutura de um texto é regida por duas dimensões: os *tipos de discurso* e as *formas de planificação local*, e, nestas últimas, é que as sequências estão inseridas, ao lado do *script* e da esquematização.

O *script* é uma forma de organização linear em que os acontecimentos de uma história do mundo do narrar são apresentados em ordem cronológica, mas não deflagram nenhum processo de tensão narrativa, de intriga. A ocorrência da esquematização, ao contrário, se dá quando um conteúdo temático referente ao mundo do expor não se apresenta contestável nem problemático, mas realizado na forma de um texto puramente expositivo ou informativo, não descritível por meio de sequências convencionais nem *scripts*. O *script* (correspondente a um relato puramente cronológico) e a esquematização (realizada como enumerações, cadeias causais, fórmulas, etc.) representam, respectivamente, o que o autor denomina por *grau zero da ordem do narrar* e *grau zero da ordem do expor*.

Para Bronckart (1999), as sequências textuais, bem como as demais formas de planificação, estão a serviço dos tipos de discurso e em seu interior é que podem ser observadas. Segundo ele (*idem*, p. 251):

*Baseadas em operações de caráter dialógico, [as sequências] organizam uma parte ou a totalidade dos enunciados que pertencem a um tipo, de acordo com um plano linguisticamente marcado, que se sobrepõe à linearidade primeira de todo segmento textual. Esse plano comporta um número n de fases (ou de "pacotes" de enunciados), explicitamente delimitados e, portanto, identificáveis, que se sucedem na ordem requerida pelo objetivo específico buscado pelo agente-produtor, tendo em vista seus destinatários.*

Em Baltar (2004, p.79) encontramos uma interpretação do pensamento de Bronckart sobre a realização das sequências:

*O que ocorre, na verdade, é que as sequências são fruto de uma reestruturação do conteúdo temático, organizado na mente do produtor do texto de forma lógica em macroestruturas semânticas, que devem ser organizadas linearmente para formar um todo coerente que vai expressar o efeito de sentido que o agente produtor do texto pretende atingir diante de seu interlocutor. Nesse sentido, visto que também*

*são fruto de uma tomada de decisão de acordo com o gênero de texto e do tipo de discurso em questão, Bronckart (1999) assevera que as sequências têm um estatuto dialógico, já que são instrumentos a serviço da interação verbal.*

Portanto, não se trata da mera reprodução de gêneros disponíveis, mas da utilização de um modelo preexistente que sofrerá a influência da situação de ação da linguagem à qual será submetido, uma vez que o produtor vai adaptá-lo aos valores específicos dessa situação. Por conta disso, a noção cognitivista de prototipicidade é vista com reservas por Bronckart (1999). Ele não concebe os protótipos como modelos cognitivos preexistentes às sequências efetivas e capazes de gerá-las, mas como construtos teóricos, elaborados secundariamente a partir do exame das sequências empiricamente observáveis nos textos.

Para o autor, os protótipos não procedem de uma “competência textual” biologicamente fundada, mas da experiência do intertexto, em suas dimensões práticas e históricas, sendo entendidos, portanto, como o produto de uma reestruturação de um conteúdo temático já organizado na memória do agente-produtor na forma de macroestruturas. A utilização de um protótipo seria, assim, o resultado de uma decisão do agente-produtor, com base nas representações que ele tem de seu destinatário e a respeito do efeito que nele deseja produzir<sup>21</sup>.

Parece-nos um pensamento coerente por, pelo menos, duas razões: 1<sup>a</sup>) pela imprecisão do modelo de Adam quanto ao que considerar (e como diferenciar na análise) o que diz respeito a um fenômeno social ou a um fenômeno cognitivo; e 2<sup>a</sup>) pela questão das pressões de ordem discursivo-genérica que condicionam a realização da sequência.

Mesmo desconsiderando o caráter prototípico associado a modelos cognitivos, Bronckart (1999) adere teoricamente à descrição técnica das cinco sequências propostas por Adam, acrescentando à sua classificação a sequência injuntiva. Para o autor (idem, p.240):

*A planificação de qualquer segmento de texto (...) pode ser feita de acordo com a forma mínima das esquematizações e dos scripts, ou de acordo com a forma de uma das seis sequências (...) E a sequencialização de um segmento de texto registra a existência de uma operação de caráter dialógico (criar uma tensão, fazer ver, fazer agir, resolver um problema, convencer, regular a interação<sup>22</sup>), que se sobrepõe, localmente, às operações constitutivas dos mundos discursivos aos quais se articulam os referidos segmentos.*

<sup>21</sup> Tudo isto configura uma proposta mais realista de análise quanto aos planos composicional e pragmático.

<sup>22</sup> As operações citadas referem-se, respectivamente, às sequências narrativa, descritiva, injuntiva, explicativa e argumentativa, e dialogal.

Assim, ao contrário de Adam, que atribui um papel determinante às sequências como mecanismo de organização da textualidade, Bronckart (1999) atribui às mesmas uma importância relativa: elas compõem, mas não determinam a infraestrutura de um texto. Consideramos pertinente apresentar a teoria deste autor como um complemento não apenas de leituras sobre a sequência narrativa, mostrando-lhe sob outra perspectiva, mas também por possibilitar um contraponto em nossa análise. Reconhecemos a validade e importância deste modelo teórico-metodológico, apontando-o, inclusive, como bastante recomendável a uma investigação (que se proponha mais abrangente) da organização textual dos gêneros textuais, de forma geral, e do gênero notícia, de forma específica.

Como nosso propósito está focalizado na realização da sequência narrativa e não na organização textual da notícia de modo geral, não nos detivemos em aplicar o *corpus* desta pesquisa ao modelo de Bronckart e, sendo o protótipo utilizado por ele o mesmo de Adam, optamos pelo modelo elaborado por este último como base teórica principal da pesquisa. Deixamos claro, no entanto, que, em alguns momentos, demonstramos a utilidade do estudo de Bronckart (1999), especialmente quanto ao *script*, haja vista que alguns textos do *corpus* parecem poder ser explicados de forma mais coerente à luz das ideias do autor.

Discutidas as concepções teórico-metodológicas que embasam esta pesquisa, exporemos, no capítulo seguinte, o *status* do gênero notícia, sua constituição e critérios de composição na área da Comunicação Social, bem como sua utilização como objeto de análise neste e em outros estudos linguísticos.

## CAPÍTULO 2 – O GÊNERO NOTÍCIA

Neste capítulo, apresentamos algumas noções históricas sobre a constituição da notícia, discutimos o *status* de que se reveste hoje no meio jornalístico e descrevemos os principais critérios (ou normas) de composição da sua estrutura textual, determinados pela esfera jornalística. Nosso objetivo é situar o leitor não somente quanto às características mais relevantes do gênero<sup>23</sup>, mas também quanto à importância que ele tem assumido tanto no âmbito da Comunicação Social quanto no âmbito da Linguística<sup>24</sup>.

### 2.1 Noções históricas sobre o gênero notícia

Para atingir a autonomia que possui hoje, o gênero notícia passou por várias mudanças na forma de codificação da mensagem noticiosa, determinadas pelas transformações históricas ocorridas desde a Idade Média, em que as informações disponibilizadas à população integravam decretos, proclamações, exortações e sermões das igrejas. A ascensão da burguesia fez surgir a necessidade de circulação de informações, de divulgação dos saberes, o que impulsionou o surgimento da imprensa. Segundo Lage (2000, p.8):

*A sociedade moderna europeia, espaço de luta entre burgueses e proletários, passou a privilegiar a mudança sobre a preservação. As trocas de informações atingiram intensidade e amplitude antes difíceis de imaginar. E a notícia, antes restrita e controlada pelo Estado e pela Igreja, tornou-se bem de consumo essencial.*

O gênero notícia tal qual conhecemos hoje se constituiu através de um significativo processo evolutivo, em que a materialidade dos textos estava diretamente ligada às grandes etapas da história do jornalismo. De acordo com Lustosa (1996, p.67), no período compreendido entre 1808 e 1827, todas as matérias eram comentadas, repletas de opinião, de observações pessoais e marcadas pela exaltação de princípios morais e religiosos; entre 1827 e 1889, os textos reduziram a emissão de opiniões e destacaram o material informativo, narrando os fatos de acordo com a cronologia dos acontecimentos; entre 1889 e 1930, o

<sup>23</sup> Partimos do princípio de que a notícia é um gênero textual, que está estabelecido socialmente (cf. Bakhtin, 1997), uma vez que a comunidade o aceita e o utiliza cotidianamente. Além disso, possui um espaço incontestável nos jornais impressos, meio onde é normalmente encontrado e reconhecido pelos leitores.

<sup>24</sup> A notícia, bem como outros gêneros da esfera jornalística, tem-se mostrado um gênero desafiante e significativo a ser explorado, o que parece justificar-se pelo número cada vez mais crescente de artigos, pesquisas e projetos que não somente o têm utilizado como objeto de estudo, mas também em propostas de atividades pedagógicas. Alguns exemplos disso podem ser vistos em: Teun van Dijk (1978; 1990; 1992); Rodrigues (1991); Faria (1997); Barbosa (2000); Bonini (2002); Baltar (2004); Silva (2004a); Silva (2004b).

caráter essencialmente informativo foi adotado e excluiu-se a emissão de opinião do jornalista; entre 1930 e 1969, os textos apresentaram uma construção informativa diferenciada, especialmente a partir da criação do *lead*; e de 1969 até os dias atuais, acrescentou-se a essa construção informativa um padrão estético motivado pela cultura visual, imposta pela televisão.

## 2.2 A importância do gênero notícia no meio jornalístico

Lage (1990, p.35) afirma que “o jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato”. A relação entre informação e notícia assumiu, portanto, uma conotação mercadológica. O jornalismo adquiriu um poder inquestionável de informar e de formar o leitor, pois ao mesmo tempo em que se apresentava como algo necessário à sua condição de ser social, de cidadão, manipulava a informação de modo a exercer uma influência psicológica sobre esse leitor.

De acordo com Silva (2004b), a manipulação é vista como parte integrante, necessária em qualquer transmissão jornalística<sup>25</sup>. O autor afirma também que a preocupação com essa manipulação do texto da notícia suscitou inúmeras discussões sobre a ética profissional de captação e transmissão das notícias e sobre a necessidade de se adotar princípios de imparcialidade e equilíbrio que a norteassem.

Isso fez surgir o interesse pelo que viríamos a conhecer como noção de objetividade, que, no entanto, só passou a ser utilizada na imprensa a partir 1930. Outros fatores se somaram à busca pela objetividade<sup>26</sup> no texto jornalístico, como a clareza, a concisão e a precisão na estrutura textual do fato relatado.

Silva (2002, p.19) afirma que, “na realidade, a grande mudança no jornalismo dá-se a partir do impacto da Segunda Guerra Mundial e da invenção do rádio, impulsionando um novo conteúdo jornalístico atual, universal e com significação voltada ao aparecimento de

---

<sup>25</sup> Em nossa opinião a questão da manipulação pode ter, pelo menos, dois sentidos distintos: o de apresentar a informação da maneira mais eficaz possível ou a de “manobrar” a informação segundo os interesses da Instituição Jornalística. A diferença entre um ou outro sentido poderá depender, principalmente, do assunto noticiado.

<sup>26</sup> A questão da objetividade (assim como a da parcialidade) no texto da notícia tem sido bastante discutida, pois a simples decisão de se apresentar um relato por uma perspectiva e não outra, já envolve uma série de conhecimentos, crenças e intenções do jornalista e/ou da Instituição Jornalística que representa. Não é possível ser plenamente objetivo/imparcial, mas a linguagem possibilita que se mantenha um mínimo de distanciamento na forma de se organizar a informação a ser transmitida.

uma nova audiência: a grande massa”. A referida autora explica que, com o surgimento das agências de notícias internacionais, a utilização do telégrafo e a veiculação de informações atualizadas, o texto noticioso passou a exercer papel de destaque, voltando seu conteúdo para o concreto, o imediato. A produção individual foi substituída por uma produção coletiva, elaborada por uma equipe de repórteres, para atender à necessidade cada vez maior do público leitor por notícias novas<sup>27</sup>.

Com isso, a notícia ganha um *status*, uma relevância no jornalismo. Lustosa (1996) define a notícia como “técnica de relatar um fato” e afirma que ela é considerada como a matéria-prima do jornal, como “informação transformada em um produto de consumo”, que existe para atender à necessidade básica do cidadão de obter informações que estejam amplamente relacionadas a aspectos de sua vida cotidiana. Segundo o autor (*idem*, p.35):

*A informação apenas vai se tornar um produto de consumo após ser maquiada e devidamente elaborada pelo jornalista a partir de técnicas capazes de torná-la atraente e interessante. A informação deve assumir um caráter universal, isto é, deve ser inteligível ou passível de codificação por pessoas de diferentes níveis culturais, profissões ou repertórios.*

Para assumir esse caráter universal, a linguagem jornalística estabelece restrições pragmáticas de ordem linguística, textual e ideológica, determinadas pelas circunstâncias da relação entre jornalista e público. Tais restrições estão relacionadas, segundo Lage (1990, p.34), com os *registros de linguagem*, com o *processo de comunicação* e com os *compromissos ideológicos*.

Sobre os registros de linguagem, busca-se uma conciliação entre o registro coloquial e o registro formal de forma que se chegue a uma comunicação eficiente e ao mesmo tempo aceita socialmente. Quanto ao processo de comunicação, a linguagem jornalística é referencial, “fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si”. (*idem*, p. 39) Aqui se estabelecem alguns usos: a exigência do uso da terceira pessoa, as restrições ao uso de adjetivos testemunhais e subjetivos, o fornecimento de dados que façam o leitor tirar suas próprias conclusões, a presença de palavras que indicam precisão, entre outros.

<sup>27</sup> Com o advento da internet, presenciaremos mudanças ainda maiores no processo evolutivo do gênero notícia, pois, como afirma Castilho (2005), “à medida que a web caminha para projetos multimídia em ambiente de convergência de meios, ficam mais evidentes as deficiências da transposição de textos impressos para a internet.” Como ainda não há um modelo padrão para os textos da notícia no meio virtual, tem-se mantido essa transposição: nos sites dos jornais dos quais colhemos o *corpus*, apresentam-se as mesmas notícias do exemplar impresso, com modificações (cortes) eventuais, quando necessário reduzir sua extensão em função do espaço (diagramação) em que serão inseridas.

Finalmente, quanto aos compromissos ideológicos, Lage (1990, p.42) diz que as “grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico”, ou seja, de acordo com o autor, não há como “fugir” da ideologia ao se construir um texto jornalístico. Por conta disso, importa fazer escolhas conscientes das expressões a serem utilizadas, considerando a consequência de tais escolhas (por exemplo, em séries como: *soldado*, *guerrilheiro*, *terrorista*), pois, ainda que implicitamente, cada uma delas representa uma tomada de posição, um valor ideológico<sup>28</sup>.

### 2.3 Normas jornalísticas de composição textual do gênero notícia

O gênero notícia adquiriu, ao longo de todo esse processo histórico, características que se consolidaram e se tornaram regras de construção genérica, definidas pela comunidade jornalística e reconhecidas socialmente. Essas regras, que denominamos também como *critérios* jornalísticos, determinam a estrutura composicional da notícia; ou seja, para que as informações apresentadas no texto noticioso cheguem ao leitor e alcancem devidamente o seu propósito comunicativo, critérios comuns são adotados pela grande maioria dos periódicos jornalísticos na tentativa de estabilizar a estrutura formal do gênero, de acordo com a função que lhe é conferida.

Em vista disso, tais periódicos elaboram inclusive, manuais de estilo próprios, que servem para formalizar e orientar o padrão a ser seguido pelos jornalistas para que o texto noticioso ofereça ao leitor a informação<sup>29</sup> de que necessita de forma concisa, objetiva, imparcial e rápida. O padrão delineado nesses manuais de estilo diz respeito principalmente à estruturação do texto, na qual três elementos principais são focalizados: a construção do *lead*<sup>30</sup>, do corpo da notícia, a partir do princípio da *pirâmide invertida*, e do título/manchete.

---

<sup>28</sup> A questão da ideologia é, de fato, bastante complexa, pois a própria postura de uma empresa jornalística, ao pretender-se imparcial na apresentação da informação, já é uma postura ideológica, e a escolha lexical deverá ser condizente com ela. Um jornal destinado, por exemplo, a atender a um público de classe alta provavelmente não optaria por um termo como “presunto” ao invés de “cadáver” para referir-se a um indivíduo morto.

<sup>29</sup> Essa informação é resultado de um percurso no qual, não apenas o jornalista, mas outros profissionais trabalham em torno dos mesmos objetivos, pois, antes de ser apresentada ao público como produto acabado, a notícia passa por inúmeras fases de seleção e processamento que condicionam, em maior ou menor grau, o seu formato final e constituem, no seu conjunto, o trabalho que uma Redação realiza diariamente.

<sup>30</sup> De acordo com Gradim (2000), “os fatos que devem constar no *lead* correspondem às perguntas que a generalidade das pessoas coloca quando deseja inteirar-se de um acontecimento”, sendo, “pois, ‘naturais’ no sentido em que estão intimamente ligadas à nossa forma de conhecer e narrar uma história”.

Antes de ser adotado como elemento essencial da técnica de elaboração da notícia, a criação do *lead* serviu a outro propósito. Segundo Natalício Noberto (s.d., apud LUSTOSA, 1996), o *lead* “foi criado pelos jornalistas norte-americanos há quase cem anos a fim de substituir o chamado *estilo britânico*, que consistia em redigir as notícias para os jornais observando fielmente a ordem cronológica dos fatos – como nos livros de ficção”. Esse estilo britânico tinha a finalidade de preparar o leitor para receber o impacto da notícia, o que, hoje, se realiza exatamente de modo contrário: não se prepara o leitor, apresenta-se a ele o que houver de mais impactante no fato logo no início do *lead*.

As principais funções do *lead* são a de informar e atrair seu público-alvo, configurando-se, pois, de forma introdutória, resumitiva e apelativa. Introdutória, porque apresenta o fato principal; resumitiva, porque além do fato apresenta também as pessoas nele envolvidas, o lugar e o tempo em que tal fato aconteceu e, especialmente, o clímax do que será relatado; e apelativa, porque tem a característica específica de produzir no leitor o interesse de ir além das informações contidas no próprio *lead*, buscando no corpo da notícia maiores detalhes do fato noticiado.

Em resumo, o *lead* é a parte principal de toda e qualquer notícia, pois além de conter as informações mais importantes do texto, destacando *quem fez o quê, a quem, quando, onde, como e por que*, serve também como guia à leitura. Em função dele estão tanto a construção do corpo da notícia (que consiste em detalhar, em desenvolver as proposições que compõem o *lead* e que funcionam como base para o desenvolvimento da progressão narrativa da notícia), quanto a do título/manchete, que precisa ser direto, conciso, informativo e, ao mesmo tempo, capaz de despertar o interesse do leitor.

De acordo com Gradim (2000), os títulos são aquilo que, em primeiro lugar, o leitor apreende quando se debruça sobre as páginas de um jornal, pois vai examinando título a título até encontrar algo que lhe prenda definitivamente a atenção ou corresponda aos seus interesses quotidianos, para deter-se e prosseguir a leitura da notícia. Quanto à elaboração do *lead*, a autora afirma:

*Um lead bem construído dispensa o leitor apressado de se deter no resto da peça, porque a informação básica mais importante já foi dada; mas se retiver o carácter apelativo é, simultaneamente, o melhor anúncio publicitário que tal peça pode ter – e o leitor quererá lê-la até ao fim.*

O título/manchete e o *lead* funcionam como mecanismos textuais que ajudam a construir a estrutura temática da notícia, podendo ser usados como “sinais *adequados*” para possibilitar ao leitor “fazer previsões eficazes sobre a informação mais importante do texto”, ainda que, dependendo de suas próprias crenças e representações, esse leitor chegue a uma interpretação temática diferente da do produtor da notícia. (VAN DIJK, 1992, p. 133)

De acordo com Bonini (2002, p.82):

*O estabelecimento do lead e da técnica da pirâmide invertida, através dos quais a notícia passa a ser objetiva pela omissão da opinião, devem-se a uma evolução na técnica jornalística. Como pode ser inferido do panorama histórico exposto por Lage (1979), o surgimento de um padrão de notícia com objetividade, imparcialidade e verdade deve-se ao fato de o jornal buscar atingir a amplitude de consumidores necessária a sua sobrevivência como produto (principalmente no sentido de que o jornal tem sua maior fonte de renda nos anunciantes).*

Os critérios de objetividade, imparcialidade e verdade, aos quais o autor se refere, fundamentaram durante muito tempo a atividade jornalística e eram considerados como elementos “inquestionáveis” na produção da mensagem noticiosa, ou seja, passivamente aceitos e que não se constituíam como objeto de reflexão. Atualmente, no entanto, esses critérios são utilizados de acordo com as circunstâncias relativas ao universo das aparências do mundo, ou seja, à verossimilhança dos fatos, que constitui o universo das notícias. Segundo Lustosa (1996, p.21), apesar do propósito e do compromisso de alguns jornalistas, a imparcialidade jamais ocorreu de forma efetiva no jornalismo. Para o autor, a notícia é “uma versão de um fenômeno social, não a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato”.

A nosso ver, a construção do texto da notícia se dá realmente por uma relativa objetividade/imparcialidade e por uma tentativa de fazer um relato mais aproximado possível da realidade na qual está inserida a informação. Visto desta forma, parece possível dizer que o relato de um fato, em jornalismo, baseia-se na perspectiva do produtor-jornalista (quanto ao que ele julgar mais relevante comunicar ao leitor) e a partir dela é que serão tomadas decisões não somente quanto à ordenação dos eventos apresentados no texto noticioso, mas quanto às escolhas de ordem linguística, textual e ideológica que constituirão sua organização textual<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Consideramos importante ressaltar que não se trata exatamente de uma autonomia do produtor-jornalista, mas do resultado de um processo de aprimoramento da informação, do qual ele faz parte. Quando se lhe atribui a responsabilidade pela notícia, estamos concentrando em sua figura o trabalho de uma equipe que toma decisões com base em uma complexa tarefa de seleção, revisão e adequação (seja lexical, seja ideológica) que subjaz a produção da notícia até que ela chegue a ser um produto acabado.

Essa forma de pensar a construção da notícia permite estabelecer uma aproximação entre o campo das Ciências Sociais e o campo das Ciências da Linguagem, o que, inclusive, já pode ser visto em alguns trabalhos em que se tem buscado uma co-alimentação entre estudos linguísticos sobre o gênero notícia e a prática profissional jornalística. Entre esses estudos podemos citar os artigos *Jornalismo entre gêneros: ciência e ficção*, de Soares (1999), e *A notícia: realidade ou ficção literária?*, de Vieira (1997), ambos da área da Comunicação, nos quais as autoras estabelecem relações bastante interessantes entre os dois campos de estudos citados.

De acordo com Vieira (1997), “algo mudou no discurso da informação: nos nossos dias, o jornalista, além de noticiar o acontecimento, tem liberdade de noticiar as entrelinhas”, ou seja, os jornalistas não são apenas observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade. Este pensamento, segundo a autora, é explicado e complementado por Traquina (1988, p.30):

*Lêem-se, vêem-se e ouvem-se notícias, acreditando que os profissionais não irão transgredir a fronteira entre o real e a ficção. Crê-se existir como que uma espécie de acordo entre o jornalista e o receptor, que torna possível a recepção da notícia como índice do real, sem se ignorar que a realidade da notícia não é retratada, mas construída; e que, embora sendo índice do real, as notícias registram formas literárias e narrativas (news frames) utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento.*

Para Vieira (1997), uma vez que “o jornalista não retrata a realidade na notícia, mas constrói-a, urge aceitar que ela é uma narrativa verossímil que, como a ficção, no processo de produção, necessita de formas literárias e narrativas, além dos constrangimentos ou limitações organizacionais impostos aos jornalistas ou repórteres”. Semelhante pensamento é encontrado também em Soares (1999) que faz um estudo do que chama *estrutura narrativa da notícia*, com base nos pressupostos da Semiótica Narrativa, iniciando com Greimas e encerrando com Lyotard. Baseando-se principalmente neste último, a autora afirma:

*(...) a **notícia** não se configura aqui como simples informação, devendo obedecer apenas aos princípios de objetividade, imparcialidade, neutralidade. Antes, é vista como um “produto cultural” e uma **narrativa**, implicando a existência de um “jornalista-narrador” que conta histórias a um suposto “leitor-destinatário”...*

Ainda que não vejamos a notícia como uma narrativa em que se “contam histórias”, segundo os moldes literários, acreditamos que há uma estrutura narrativa que subjaz ao relato dos fatos ou acontecimentos nela apresentados e que, por isso, as proposições narrativas utilizadas na construção desse relato podem perfeitamente vir a constituir as

macroproposições narrativas do protótipo de Adam. Pensando nisso, analisamos a organização dessas proposições no texto da notícia para verificarmos se a narrativa se desenvolveria prototipicamente, segundo o modelo do autor, ou se, em caso negativo, apresentaria uma forma recorrente de representação.

Além disso, evidenciando as normas jornalísticas (como regularidades formais referentes à **estrutura do gênero**), investigamos a existência de relações entre os elementos composicionais do gênero e as fases narrativas prototípicas (que constituem a **estrutura da sequência narrativa**) através da materialidade textual, já que cada parte da notícia tem uma constituição específica, e o mesmo acontece com as fases narrativas.

Como podemos ver, o gênero notícia tem passado por várias transformações, se mostrado um objeto de estudo muito rico (sob as mais distintas perspectivas teóricas) e suscitado, com isso, investigações cujo foco pode ser direcionado a diversos assuntos/tema como o que empreendemos nesta pesquisa: verificar como a sequência narrativa se atualiza e compõe o gênero notícia. Vejamos, pois, no capítulo seguinte, os procedimentos metodológicos adotados para a realização da análise proposta.

## CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

No presente capítulo, apresentamos a metodologia adotada nesta pesquisa, em dois tópicos específicos: 3.1 **Delimitação do corpus** e 3.2 **Procedimentos de análise**. No primeiro tópico, descrevemos como foi realizado o processo de coleta e delimitação do *corpus* da pesquisa: quais as decisões tomadas para a sua seleção, de onde os exemplares foram retirados e qual a quantidade de textos escolhidos, por que a divisão temática das notícias selecionadas, etc. No segundo tópico, explicamos os passos metodológicos (etapas) seguidos na realização da pesquisa: análise das notícias segundo as normas jornalísticas, segmentação e codificação dos textos, identificação das macroproposições do protótipo, análise da materialização da sequência narrativa na notícia e sistematização dos resultados da análise.

### 3.1 Delimitação do corpus

O *corpus* desta pesquisa está constituído por 48 notícias, que foram escolhidas e retiradas dos sites dos periódicos jornalísticos *O Povo* ([www.nolhar.com](http://www.nolhar.com))<sup>32</sup> e *Folha de São Paulo* ([www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)), no período de setembro de 2005 a setembro de 2006. A escolha desses periódicos aconteceu em razão de sua acessibilidade e credibilidade junto aos usuários, bem como por representarem, respectivamente, veículos de informação de considerável expressão regional e nacional. Consideramos que a região em que as notícias foram veiculadas não representa um fator determinante de variação na construção composicional do gênero, ainda que tenhamos percebido cuidado diferenciado em relação à revisão dos textos no aspecto léxico-gramatical de cada periódico jornalístico. A opção por coletarmos textos de dois periódicos ao invés de um só corresponde a uma tentativa de não simplificarmos as possíveis descobertas à escrita jornalística regional estritamente.

Das 48 notícias, 32 são do jornal *O Povo* e 16 do jornal *Folha de São Paulo*, e todas fazem parte do Caderno *Cotidiano*<sup>33</sup> de ambos os jornais, cujas temáticas são bastante variadas e de interesse geral. Quando iniciamos a análise, percebemos que algumas notícias não apresentavam a macroproposição Complicação (Pn2), considerada por Adam como

<sup>32</sup> Este periódico sofreu algumas alterações em sua configuração e seu acesso atual é [www.opovo.com.br](http://www.opovo.com.br).

<sup>33</sup> Essa seção foi escolhida exatamente por constar nos dois jornais e por apresentar os mesmos tipos de temas.

indispensável à sequência narrativa<sup>34</sup>. Uma observação mais detida fez-nos perceber que os exemplares em que se dava expressivamente esse fato tratavam de temas não policiais. Pensando na possibilidade de a temática noticiada interferir, de alguma forma, na realização do protótipo da sequência narrativa, decidimos dividir o *corpus* de acordo com os temas mais recorrentes<sup>35</sup>.

A partir disso, pudemos estabelecer dois grandes grupos classificatórios: o das notícias policiais (que tratam de temas violentos como acidentes, prisões, assaltos, rebeliões, sequestros, latrocínios, (tentativas de) assassinatos, suicídios, etc.) e o das não policiais (que tratam de temas como serviços de utilidade pública, entretenimento, debates, greves, relatos pessoais/histórias de vida, etc.). É importante esclarecer que consideramos os exemplares coletados como *notícia* por conta das regularidades genéricas – especialmente, o suporte jornalístico em que estão inseridos – e por apresentarem fatos que representam conteúdo de interesse humano.

### 3.2 Procedimentos de análise

Para realizarmos a análise proposta, percorremos cinco etapas: 1) analisamos os textos noticiosos quanto às normas jornalísticas de composição do gênero; 2) segmentamos e codificamos os textos; 3) identificamos as macroproposições que compõem o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual da notícia; 4) analisamos como se materializava a sequência narrativa neste gênero; e 5) sistematizamos os resultados mais significativos da análise. A seguir, detalhamos cada etapa:

*1ª etapa: Análise das notícias segundo as normas jornalísticas.* A observação e análise dos textos noticiosos quanto às normas jornalísticas de composição do gênero<sup>36</sup> tiveram o propósito de verificar alguma relação entre a “estrutura composicional do gênero” e a

<sup>34</sup> De acordo com Adam (1992), não se falará em sequência narrativa se não houver o elemento essencial da referida sequência, a intriga (que se realiza no percurso entre as macroproposições Complicação (Pn2) e Resolução (Pn4)).

<sup>35</sup> Ainda que tal hipótese não se confirmasse, a divisão temática não representaria problema à análise.

<sup>36</sup> Essas normas são elaboradas para definir como determinado conteúdo temático será apresentado na notícia, por meio de três partes principais: título/manchete, *lead* e corpo. Cada uma dessas partes tem uma função específica que determina sua própria construção formal. Por exemplo, o *lead* deve responder a questões fundamentais que situem o leitor quanto ao assunto da notícia (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?) e permitam que ele retenha a informação mais importante, procedendo ou não à continuidade da leitura conforme seu interesse. Partindo desse tipo de conhecimento, buscamos identificar uma relação entre a forma de realização dessas partes e as fases do protótipo.

“estrutura composicional da sequência narrativa”, bem como a determinação das regularidades genéricas sobre a realização da sequência.

*2ª etapa: Segmentação e codificação dos textos.* Todos os textos noticiosos tiveram suas proposições registradas numericamente. Essa segmentação serviu a dois propósitos: identificarmos as macroproposições do esquema prototípico que tais proposições representavam no texto e ilustrar algum aspecto ou comentário da análise, utilizando-as como exemplificação. Cada um dos exemplares foi codificado alfanumericamente, conforme apresentado no quadro 2, ao final deste capítulo. Na codificação utilizada, o primeiro N maiúsculo acompanhado da numeração indica o número da notícia; o P e o N maiúsculos após o hífen correspondem às temáticas *policial* e *não policial*, respectivamente, como vemos nos seguintes exemplos: a primeira notícia do quadro 2, intitulada *Mulher é morta e amiga dela é baleada*, cuja temática é *policial*, recebeu a codificação N1-P (leia-se “notícia número 1, temática *policial*”); a quinta notícia, intitulada *Semana de debates em Fortaleza*, de temática *não policial*, foi codificada como N5-N (leia-se “notícia número 5, temática *não policial*”).

*3ª etapa: Identificação das macroproposições do protótipo.* De acordo com a função que as proposições representavam no texto, procedemos à identificação das macroproposições e as registramos num quadro no qual demonstramos sua localização na estrutura textual da notícia, seja no *lead* seja no corpo da notícia, conforme a análise que queríamos ilustrar. A primeira coluna desse quadro de análise, como apresentado no exemplo abaixo, contém as fases do protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) e a segunda coluna, o comentário referente à sua ocorrência no *lead* ou no corpo da notícia analisada.

#### **N27-P**

##### **J A C A R E C A N G A**

Taxista reage a assalto e é assassinado

[28 de Setembro 03h56min 2005]

Mais um motorista de táxi é assaltado e morto na "bandeira 2" em Fortaleza (1). A vítima foi Paulo Sérgio de Paiva, 35, atingido a tiros de revólver (2). O caso ocorreu na noite da última segunda-feira, por volta das 21 horas, na avenida Presidente Castelo Branco, próximo a Escola de Aprendizes Marinheiro, no bairro *Jacarecanga* (3). Momentos antes, o taxista havia apanhado três "passageiros" para uma corrida (4). Paulo Sérgio teria reagido ao assalto, quando então levou quatro tiros (5). Ele ainda foi socorrido para o Instituto Doutor José Frota (IJF) (6). Um dos assaltantes foi baleado pelos comparsas (7). Trata-se do adolescente G.S.P.N. (8). Ele está internado no IJF, mas está fora de perigo (9).

Macroproposição	Ocorrência no <i>lead</i> da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): Assalto ao taxista Paulo Sérgio termina com sua morte e com um dos assaltantes

	ferido; Local em que o fato aconteceu (onde?): Avenida Presidente Castelo Branco, próximo à Escola de Aprendizes Marinheiros, no bairro <i>Jacarecanga</i> ; Tempo (quando?): na noite da última segunda-feira, por volta das 21 horas;
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	A prática do crime, após a vítima ter reagido ao assalto.
Ações ou Avaliação (Pn3)	A ação praticada pelos assaltantes e sofrida pela vítima.
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	O socorro prestado à vítima, a sua morte e a internação de um dos assaltantes que fora ferido durante a ação por um de seus comparsas.
Situação final (Pn5)	Coincide com a resolução.
Moral (Pnfi)	Implícita: A reação a assaltos, geralmente resulta na morte de um dos envolvidos.

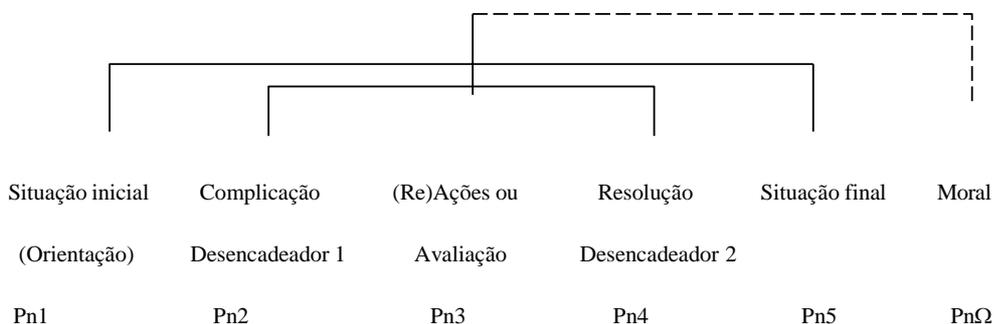
*4ª etapa: Análise da materialização da sequência narrativa na notícia.* Esta fase representou o foco de nossa investigação. Através dela, pudemos verificar a realização ou não das macroproposições narrativas na estrutura textual das notícias e que sua ocorrência não se manifestava na ordem hierárquica delineada por Adam no esquema narrativo. Ao contrário, o gênero apresentou, em determinadas notícias, uma forma de realização recorrente quanto à presença de certas macroproposições e à localização da sequência narrativa com todas as suas fases.

*5ª etapa: Sistematização dos resultados da análise.* Concluída a etapa de análise, apresentamos uma síntese das descobertas mais significativas e as sistematizamos em três itens distintos, mas complementares, nos quais as principais ocorrências quanto à materialização do protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual das notícias analisadas serão discutidas e demonstradas: 1) a realização da sequência narrativa no *lead* das notícias; 2) realização da sequência narrativa no corpo das notícias; e 3) não-realização da sequência narrativa nas notícias.

A seguir, transcrevemos o esquema narrativo prototípico que utilizamos nesta pesquisa e explicamos detalhadamente cada uma das fases<sup>37</sup> que o constituem.

<sup>37</sup> Adam & Revaz (1997, p. 89) fazem referência a uma macroproposição denominada Resumo e/ou Entrada-Prefácio (Pn0), que diz respeito à representação de “proposições que marcam a passagem do mundo dos interlocutores da conversação para o mundo da narrativa (tanto na oralidade cotidiana como no teatro)”. No entanto, essa macroproposição não aparece como parte do protótipo da sequência narrativa e sua ocorrência em textos escritos é inexpressiva. Em face disso, não a consideramos em nossa análise.

## Sequência narrativa



- Macroproposição (Pn1): Fase de *Situação inicial* (Orientação; Exposição) – Parte do texto que situa o leitor no que se refere às pessoas (ou personagens) e ao seu estado comportamental dentro de uma história, bem como ao lugar e ao tempo em que essa história acontece. Apresenta-se um *estado de coisas* equilibrado (não em si mesmo, mas em relação contrária a uma tensão, a uma perturbação que venha a alterar sua condição).
- Macroproposição (Pn2): Fase de *Complicação* (Desencadeamento; Transformação) – Inicia o processo propriamente dito da narrativa, no qual se dá a trama. Esta fase é responsável pela causalidade narrativa de uma colocação em intriga, por meio da “quebra” de uma situação inicial equilibrada, criando uma tensão. Sua ocorrência é indispensável.
- Macroproposição (Pn3): Fase de *(Re)Ação ou Avaliação* – Movimentação dos personagens envolvidos em face do ato complicador. Esta fase sofreu uma pequena alteração em relação ao modelo de Labov e Waletzky (1967). Ao substituir a denominação *Ações* por *(Re)Ação ou Avaliação*, Adam (1992) complementou a definição desta fase, ao demonstrar a perspectiva dos envolvidos na narrativa (seja de quem age, seja de quem sofre, ou de quem comenta a ação vivida/presenciada).
- Macroproposição (Pn4): Fase de *Resolução* (Desencadeamento; Re-transformação) – Parte do texto em que ocorre o desenlace dos acontecimentos; o “acerto” entre os personagens. Representa a introdução de acontecimentos que reduzem ou solucionam a situação de tensão criada.
- Macroproposição (Pn5): Fase de *Situação final* – Parte textual que marca o final da narrativa; momento em que a nova situação de equilíbrio é instaurada. Explicita o novo estado equilibrado, que não é necessariamente “positivo”, alcançado na fase de resolução da tensão.

- Macroproposição (Pn $\Omega$ ): Fase de avaliação denominada *Moral* – Reflexão complementar ao todo do fato narrado, que pode vir explícita no final do texto ou implícita. Como dissemos na Fundamentação Teórica, Adam (1992) reuniu nesta macroproposição as duas fases secundárias apresentadas por Labov e Waletzky (1967), denominadas *avaliação final* e *moral*, reformulando-as.

Concluídas as explicações sobre as fases narrativas prototípicas e sobre os procedimentos metodológicos adotados, finalizamos este capítulo e apresentamos, no quadro 2, a referência completa das notícias analisadas nesta pesquisa. No capítulo seguinte, relatamos a análise realizada, comentando e ilustrando por meio de exemplares do *corpus* os resultados mais significativos.

Quadro 2 – Referência completa das notícias que constituem o *corpus* da pesquisa (título, jornal, data, codificação segundo a temática)

No.	Notícia	Fonte	Codificação
1	Mulher é morta e amiga dela é baleada	O Povo, 15/09/05	N1-P
2	Funcionários dos Correios em greve	O Povo, 15/09/05	N2-N
3	A alegria da garotada	O Povo, 15/09/05	N3-N
4	Assembléia Legislativa realiza debate sobre referendo	O Povo, 15/09/05	N4-N
5	Semana de debates em Fortaleza	O Povo, 15/09/05	N5-N
6	Delegacia expõe propaganda pró-armas	Folha, 15/09/05	N6-N
7	Estudantes e PMs duelam em avenida	Folha, 15/09/05	N7-P
8	"Ladrão fashion" morre em fuga espetacular	Folha, 16/09/05	N8-P
9	Adolescente mata sobrinho de cinco anos a pedradas	O Povo, 16/09/05	N9-P
10	Indenizada família de estudante que morreu em tiroteio	O Povo, 16/09/05	N10-N
11	Uma bicicleta e muita criatividade	O Povo, 16/09/05	N11-N
12	Coleta para doação de medula óssea	O Povo, 16/09/05	N12-N
13	Prêmio recebe inscrições	O Povo, 16/09/05	N13-N
14	Gêmeas de 8 meses morrem envenenadas pela própria mãe	Folha, 25/09/06	N14-P
15	159 Municípios receberão verbas para projetos sociais	O Povo, 17/09/05	N15-N
16	Reitor da Uece diz que dinheiro será bloqueado	O Povo, 17/09/05	N16-N
17	Estado promete regularizar emplacamento	Folha, 18/09/05	N17-N
18	Detran fará exame gratuito de habilitação	Folha, 19/09/05	N18-N
19	Assaltante morre em troca de tiros com a PM	O Povo, 22/09/05	N19-P
20	Fiscais ganham passagem de empresa aérea	Folha, 23/09/05	N20-N
21	Impunidade estimula reincidência, diz Ibama	O Povo, 26/09/05	N21-N
22	Crianças e idosos sofrem com a fumaça	Folha, 26/09/05	N22-N
23	Emoção a bordo de aeronave	O Povo, 27/09/05	N23-N
24	Quase 2 mil pessoas esperam uma doação	O Povo, 27/09/05	N24-N
25	A procura de um lar	O Povo, 27/09/05	N25-N
26	Gestão Serra testa chip que monitorava veículo	Folha, 27/09/05	N26-N
27	Taxista reage a assalto e é assassinado	O Povo, 28/09/05	N27-P
28	Simulação envolve 300 pessoas	O Povo, 28/09/05	N28-N
29	Professores decidem voltar às aulas após 15 dias de greve	O Povo, 28/09/05	N29-N
30	Homem sequestra, mata e mutila vítima	Folha, 28/09/05	N30-P
31	Casa e ruas "afundam" em Moema após obra	Folha, 28/09/05	N31-N
32	Professor assassinado em Horizonte	O Povo, 29/09/05	N32-P
33	Tiroteio com reféns leva pânico à Lapa	Folha, 29/09/05	N33-P
34	Fiscalização eletrônica: só em 2006	O Povo, 30/09/05	N34-N
35	Carriaguçu: dona de casa é assassinada	O Povo, 30/09/05	N35-P
36	Homem mata com um tiro a ex-esposa e se suicida no Centro	O Povo, 01/08/06	N36-P
37	Soldado da PM reage a assalto e é baleado no Henrique Jorge	O Povo, 02/08/06	N37-P
38	Agricultor mata mulher e se suicida em Boa Viagem	O Povo, 04/08/06	N38-P
39	Pai e filho são assassinados	O Povo, 09/08/06	N39-P
40	Assaltante é morto	O Povo, 10/08/06	N40-P
41	Quadrilha de assaltantes é presa em flagrante	O Povo, 02/09/06	N41-P
42	Homem mata companheira em Mauriti	O Povo, 06/09/06	N42-P
43	Comerciante reage a assalto e é assassinado	O Povo, 06/09/06	N43-P
44	Assaltantes levam R\$ 1 milhão em ouro	O Povo, 12/09/06	N44-P
45	Vítima de 73 anos é resgatada após 11 dias em cativeiro	Folha, 12/09/06	N45-P
46	Prefeito de cidade alagoana é morto em estrada	Folha, 12/09/06	N46-P
47	Filho oculta cadáver da mãe e não explica morte	Folha, 15/09/06	N47-P
48	Estudante de seis anos leva arma para escola em MG	Folha, 20/09/06	N49-P

Fonte: Jornal O Povo – <http://www.noolhar.com> e Jornal Folha de São Paulo – <http://www.folha.uol.com.br>

## CAPÍTULO 4 – A SEQUÊNCIA NARRATIVA NO GÊNERO NOTÍCIA

Neste capítulo, apresentamos a análise da materialização da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual do gênero notícia. Com base no *corpus* selecionado, os resultados da investigação a que nos propusemos estão descritos em dois tópicos: 4.1 e 4.2. No primeiro tópico, subdividido nos subtópicos 4.1.1 e 4.1.2, relatamos as ocorrências mais significativas da sequência narrativa no *lead* e no corpo das notícias. No segundo tópico, tecemos algumas considerações, à luz da teoria de Bronckart (1999), sobre a estrutura textual das notícias que classificamos como expositivas, haja vista que a sequência narrativa não se materializou no gênero textual analisado, conforme o modelo proposto por Adam.

### 4.1 A realização da sequência narrativa

De acordo com Adam (1992), para que se considere a estrutura de um texto uma construção narrativa, é fundamental que se identifique uma *complicação*, que venha perturbar uma *situação inicial* equilibrada, provocar um processo de *ações/avaliações* que levem a um *desenlace* e, finalmente, a uma *situação final*, em que se apresente um novo estado de equilíbrio no todo acional. É esse processo transformacional que constitui a base do que o autor denomina como sequência narrativa.

Bronckart (1999, p.219) explica que esse é o pensamento comum às diferentes vertentes teóricas que trabalham com a conceitualização e com as características da sequência narrativa: apesar de cada história contada mobilizar “personagens implicados em acontecimentos organizados no eixo do sucessivo, só se pode falar de sequência narrativa quando essa organização é sustentada por um processo de intriga”. Esse processo consiste na seleção e organização dos eventos narrados, formando um todo acional dinâmico, com início, meio e fim, em que “à ordem cronológica dos acontecimentos se sobrepõe uma ordem interpretativa, que fornece causas e/ou razões aos diversos encadeamentos constitutivos da história. É essa dimensão interpretativa que confere à sequência narrativa essa função de reconfiguração das ações humanas postulada por Ricoeur”. (idem, p.220)

O gênero notícia mostrou-se particularmente interessante também nesse sentido. Dada a sua característica essencial de informar, o registro dos fatos, que ganham o *status* de se tornarem notícia, obedece a uma organização textual bastante peculiar, determinada pelas

normas jornalísticas e também por uma modificação daquilo que, consensualmente, entendemos por *narrativa*.

Um aspecto importante a ressaltar é que nenhum dos textos teóricos da área da Comunicação que consultamos<sup>38</sup> define a notícia como narrativa de fatos, mas como relato de fatos a partir do que é mais interessante ou importante. Lage (2000, p.16) nos diz que “não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los<sup>39</sup>”.

Essa afirmação pode representar uma tentativa do autor de diferenciar a *narrativa* do *relato de um fato* em um texto de notícia, pois, segundo ele, “a narrativa é um gênero literário de tradição assentada no épico”, cuja “espinha dorsal é a organização dos eventos em sequências, de modo que o primeiro antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante”, revelando um registro cronológico dos fatos na mesma ordem em que ocorreram; o que, normalmente, não ocorre na construção da notícia. Para Adam, no entanto, não é essa ordem o fator mais relevante, mas sim, a recorrência das macroproposições na organização textual.

Diferentemente do percurso narrativo de um texto literário, em que geralmente se vai construindo expectativas no leitor até que se chegue ao clímax do acontecimento, o texto noticioso estabelece uma inversão desse percurso: apresenta inicialmente o que há de mais relevante no fato, fazendo com que as expectativas do leitor sejam as de saber que motivações levaram à sua concretização.

Isso tem a ver também com o princípio jornalístico da pirâmide invertida, no qual “as informações mais importantes são dadas no início do texto e as menos importantes, em hierarquização decrescente, em seguida, de modo que as mais dispensáveis fiquem no pé do texto”<sup>40</sup>. Assim, o encadeamento das ações deve respeitar uma sequência lógica em que as informações vão decrescendo de importância até o final, ainda que tal sequência não corresponda necessariamente à ordem cronológica dos fatos narrados. Essa técnica jornalística

<sup>38</sup> Manual da Folha de São Paulo (1987), Lustosa (1996), Lage (2000).

<sup>39</sup> O uso do verbo “expor” nesta frase não se configura, a nosso ver, como uma distinção consciente entre *narrar* e *expor* quanto à realização de sequências (narrativa ou expositiva), mas como uma diferenciação que o autor julgou necessário fazer entre o que ele concebe como *narrar* (em relação a um texto ficcional) e *expor* (em relação a um texto factual), principalmente quanto à sucessão cronológica dos fatos narrados.

<sup>40</sup> O trecho da definição do Princípio da Pirâmide Invertida que citamos foi retirada do Manual da Folha de São Paulo (1987, p.157).

oferece ao leitor a possibilidade de obter a informação principal da notícia e assim ficar bem informado, sem que se sinta obrigado a prosseguir a leitura.

A realização da estrutura narrativa como concebida na literatura em um gênero não-literário como a notícia vai de encontro à expectativa do próprio leitor do texto noticioso, que não prevê encontrar a sequencialidade dos fatos expostos nos moldes de uma narrativa literária. O propósito do gênero notícia não é contar uma história<sup>41</sup>, mas informar, relatar um fato que, à semelhança do que acontece nas narrativas literárias, envolve personagens (pessoas), situados num tempo e num espaço determinados, mas sob uma perspectiva distinta. Como, então, o protótipo da sequência narrativa se configuraria na estrutura textual da notícia?

Para responder a essa pergunta, a concepção de narrativa adotada no jornalismo foi desconsiderada em nossa pesquisa, pois, já no início da análise, verificamos que as notícias analisadas ora apresentavam um processo de intriga, como aconteceu em todas as notícias policiais, ora apresentavam simplesmente um relato cronológico de acontecimentos ou uma mera descrição de ações, como na maioria das notícias não policiais, sem que houvesse uma intriga, um estado de tensão ou a transformação de uma determinada situação.

Em razão disso, ao identificarmos nos exemplares examinados o processo de intriga e, conseqüentemente, a realização da sequência narrativa, conforme as postulações de Adam, consideramos como *notícias narrativas* todos os exemplares em que a referida sequência se materializou, enquadrando-se no protótipo, e as demais notícias, em que não foi identificada a sequência narrativa, como *expositivas*.

Ao analisarmos as notícias segundo as normas jornalísticas, pudemos perceber, entre outras coisas, que toda a estrutura textual da notícia está submetida ao que os jornalistas consideram como informações de maior relevância, de forma que a organização textual não é regida pelo componente cronológico, mas pela importância dos fatos a serem narrados, aos quais se seguem informações secundárias. Assim, as proposições narrativas que compunham o corpo do texto (e que representavam as macroproposições do esquema narrativo) estavam condicionadas às regularidades genéricas, ou seja, a sequência narrativa se materializava

---

<sup>41</sup> O termo *história* tem aqui a conotação de *estória ficcional*; ao contrário do que ocorre em algumas notícias expositivas que apresentam relatos de histórias reais. Essas histórias retratam situações vividas por pessoas comuns que, no entanto, comunicam exemplos de vida a serem imitados ou situações com as quais o leitor pode se sensibilizar.

conforme as exigências formais do gênero, de acordo, por exemplo, com a função de cada parte da notícia.

Isso se configurou em quase todos os exemplares analisados e possibilitou que percebêssemos algumas peculiaridades entre as partes que estruturam a notícia e o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992): 1) o **título**, especialmente das notícias policiais, conteve, na maioria dos exemplares, tanto a Complicação (Pn2) quanto a Resolução (Pn4), pois anunciava o fato como “acabado”, resultado da relação destas duas macroproposições; 2) o **lead** foi o lugar em que o protótipo se realizou de forma completa ou onde se encontravam a maior parte das macroproposições narrativas (ainda que algumas dessas macroproposições tenham sido identificadas com certa dificuldade, pois tanto podiam estar implícitas quanto podiam ser representadas por uma mesma proposição); 3) o **corpo** da notícia, ao desenvolver o conteúdo do *lead*, apresentou as macroproposições do protótipo em sua estrutura por meio do acréscimo de informações ou da retomada, principalmente da Orientação (Pn1), da Complicação (Pn2) e da Resolução (Pn4). A Situação final (Pn5), que no *lead*, ou era identificada implicitamente ou coincidia com a Resolução (Pn4), apareceu, geralmente, nas proposições finais do corpo da notícia, em “expressões-modelo” utilizadas nas notícias policiais.

Quanto às notícias expositivas, nas quais não identificamos a sequência narrativa, tecemos algumas considerações sobre sua estrutura textual à luz da teoria de Bronckart (1999), uma vez que tais notícias pareciam se enquadrar em determinadas postulações do autor, que contempla, além da sequência narrativa, outras formas de planificação: o *script* e a esquematização. As ocorrências verificadas tanto nas notícias narrativas quanto nas expositivas foram sistematizadas e serão apresentadas nos subtópicos que seguem.

#### **4.1.1 A sequência narrativa no *lead* das notícias**

Ao analisarmos o texto da notícia com base no protótipo da sequência narrativa de Adam (1992), percebemos, logo no início, uma correlação entre algumas das perguntas básicas (o quê? quem? onde? quando?) que compõem a construção textual do *lead* e as informações sobre componentes (o quê? quem?) e circunstâncias (onde? quando?) que identificam a primeira fase prototípica Situação inicial ou Orientação (Pn1), em que se fornecem ao leitor referências quanto ao tempo e ao lugar em que determinado fato aconteceu,

bem como às pessoas nele envolvidas. Tomamos como exemplo para ilustrar essa afirmação o *lead* da notícia N8-P, transcrito abaixo.

(Exemplar 1)

**N8-P**

São Paulo, sexta-feira, 16 de setembro de 2005.

**BOMBAS E GRAVATAS**

Assaltante de imóveis da classe média alta do Rio joga granada para furar bloqueio e invade prédio até ser baleado

"Ladrão fashion" morre em fuga espetacular

MARIO HUGO MONKEN

DA SUCURSAL DO RIO

O ladrão mais procurado do Rio de Janeiro (**quem?**) – loiro, de olhos verdes e nascido em família de classe média – foi morto (**o quê?**) ontem de madrugada (**quando?**), após perseguição policial da qual tentou escapar detonando até uma granada (1). Batizado como "ladrão fashion", Pedro Machado Lomba Neto, o Pedro Dom, 23, filho de ex-policia civil, foi morto com um tiro de fuzil no peito (**como?**) no corredor de um prédio na Lagoa, bairro nobre da zona sul (**onde?**) (2). Eram 4h (**quando?**) e ele havia acabado de furar – com o uso de uma granada – um cerco policial montado para prendê-lo na saída do túnel Rebouças (**por quê?**) (ligação entre as zonas norte e sul) (3).

Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Componentes
	( <b>o quê?</b> ) € a fuga e a morte do ladrão ( <b>quem?</b> ) € o ladrão e a polícia (proposições 1 e 2)
	Circunstâncias
	( <b>onde?</b> ) € no corredor de um prédio na Lagoa, bairro nobre da zona sul (proposição 2) ( <b>quando?</b> ) € ontem de madrugada; por volta das 4h (proposições 1 e 3)

Isto nos permitiu constatar a presença obrigatória da macroproposição Situação inicial ou Orientação (Pn1) em todas as notícias analisadas e de forma predominante no *lead*. Mas isto não quer dizer que o *lead* só manifestou esta macroproposição. Pelo contrário, foi no *lead* das notícias que identificamos mais facilmente a sequência narrativa completa com todas as suas fases, ainda que a ordem em que aparecem não corresponda à hierarquia delineada no protótipo, possivelmente em função dos princípios jornalísticos de relevância mencionados anteriormente.

No decorrer da análise, percebemos que as macroproposições Complicação (Pn2), (Re)Ação (Pn3) e Resolução (Pn4), que constituem a intriga, apresentaram-se marcadas de forma recorrente, especialmente nas notícias de temática policial. A Complicação (Pn2) pôde ser identificada tanto implícita quanto explicitamente, podendo ocorrer sob duas formas: por uma organização textual que gera um suspense, antecedendo o relato do fato, ou pela apresentação direta do fato em si. Nesse último caso, a relação Complicação (Pn2) —

Resolução (Pn4) coincidiu justamente com o evento principal desse tipo de notícia, ou seja, com o conflito, o elemento trágico.

Um assassinato, um sequestro, um assalto ou outro fato desta natureza é em si mesmo o que quebra o estado inicial de equilíbrio que envolve os personagens antes do acontecimento se concretizar. Se o jornalista considerar que oferecer mais detalhes sobre esse estado de equilíbrio inicial pode ser um importante recurso para prender o interesse do leitor, ele irá fazê-lo, conforme vemos na proposição seis, de N1-P, no trecho “As duas faziam uma caminhada pela BR-116...” (em negrito), em que se relata o que as vítimas faziam antes de serem “surpreendidas” e atingidas pelo agressor<sup>42</sup>.

(Exemplar 2)

**N1-P**

I C Ó

Mulher é morta e amiga dela é baleada

[15 de Setembro 03h05min 2005]

Um crime passionnal mobilizou a Polícia, na noite da última terça-feira, em Icó, a 380 quilômetros de Fortaleza (1). As vítimas foram a doméstica Liduína Ferreira Siqueira, 39, e Odirene Souza Silva, 39 (2). A primeira levou um tiro de revólver na altura do pescoço disparado pelo metalúrgico Eliseu Freiras Siqueira, 50, de quem estava separada (3). Ela teve morte imediata (4). A amiga dela, Odirene, foi atingida à bala no abdome pelo acusado e por conta disso se encontra internada no hospital da cidade (5). **As duas faziam uma caminhada pela BR-116, por volta das 19 horas**, quando foram surpreendidas por Eliseu Siqueira, que logo disparou contra elas (6). Siqueira, depois de praticar o crime, se matou com um tiro na nuca (7).

<sup>42</sup> Essa escolha do jornalista pode estar relacionada a um controle do texto, pois, de acordo com Lage (1990, p.35), “a redução do número de itens léxicos (palavras, expressões) e de regras operacionais postas em jogo não apenas facilita o trabalho, mas também permite o controle de qualidade” na produção de textos, especialmente, os do jornalismo, que “se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato.”

Das notícias analisadas, trinta e uma apresentaram a sequência narrativa no *lead*, sendo seis notícias de temática não policial e vinte e cinco de temática policial, dentre as quais escolhemos as notícias N2-N e N27-P para ilustrar a ocorrência.

(Exemplar 3)

**N2-N**

### REIVINDICAÇÕES

Funcionários dos Correios em greve

Teve início ontem a greve dos funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Cerca de 350 mil objetos são entregues diariamente pela empresa no Estado, mas, de acordo com o diretor regional da ECT, a greve não trará grandes prejuízos

[15 de Setembro 03h05min 2005]

*As negociações* entre a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) e o Comando Nacional de Negociação e Mobilização dos Trabalhadores dos Correios *não chegaram a um consenso e a greve foi deflagrada ontem* a meia-noite (1). *A empresa concedeu 6,57% de reposição inflacionária mais 5% a partir de janeiro, chegando a um índice de 11,57% (2). Mas a categoria, que tem data-base em agosto, não aceitou a proposta apresentada pela direção dos Correios (3).*

Macroproposição	Ocorrência no <i>lead</i> da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): Greve dos funcionários dos Correios; empresa e trabalhadores; Local em que o fato aconteceu (onde?): não está explicitado; Tempo (quando?): ontem à meia-noite;
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	As negociações não levaram a um consenso
Ações ou Avaliação (Pn3)	A oferta proposta pela empresa e a rejeição dos trabalhadores.
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	A greve
Situação final (Pn5)	A greve
Moral (Pnfi)	Implícita: Quando as partes envolvidas em uma negociação trabalhista não chegam a um consenso, normalmente os trabalhadores deflagram uma greve.

(Exemplar 4)

**N27-P**

### JACARECANGA

Taxista reage a assalto e é assassinado

[28 de Setembro 03h56min 2005]

Mais um motorista de táxi é assaltado e morto na "bandeira 2" em Fortaleza (1). A vítima foi Paulo Sérgio de Paiva, 35, atingido a tiros de revólver (2). O caso ocorreu na noite da última segunda-feira, por volta das 21 horas, na avenida Presidente Castelo Branco, próximo a Escola de Aprendizes Marinheiro, no bairro *Jacarecanga* (3). Momentos antes, o taxista havia apanhado três "passageiros" para uma corrida (4). Paulo Sérgio teria reagido ao assalto, quando então levou quatro tiros (5). Ele ainda foi socorrido para o Instituto Doutor José Frota (IJF) (6). Um dos assaltantes foi baleado pelos comparsas (7). Trata-se do adolescente G.S.P.N. (8). Ele está internado no IJF, mas está fora de perigo (9).

Macroproposição	Ocorrência no <i>lead</i> da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): Assalto ao taxista Paulo Sérgio termina com sua morte e com um dos assaltantes

	ferido; Local em que o fato aconteceu (onde?): Avenida Presidente Castelo Branco, próximo à Escola de Aprendizes Marinheiros, no bairro <i>Jacarecanga</i> ; Tempo (quando?): na noite da última segunda-feira, por volta das 21 horas;
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	A prática do crime, após a vítima ter reagido ao assalto.
Ações ou Avaliação (Pn3)	A ação praticada pelos assaltantes e sofrida pela vítima.
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	O socorro prestado à vítima, a sua morte e a internação de um dos assaltantes que fora ferido durante a ação por um de seus comparsas.
Situação final (Pn5)	Coincide com a resolução.
Moral (Pnfi)	Implícita: A reação a assaltos, geralmente resulta na morte de um dos envolvidos.

A única notícia policial em que não identificamos todas as macroproposições no *lead* foi N48-P, conforme transcrevemos abaixo.

(Exemplar 5)

**N48-P**

20/09/2006 - 22h51

Estudante de seis anos leva arma para escola em MG

THIAGO GUIMARÃES

da Agência Folha

Uma menina de seis anos levou nesta quarta-feira para a escola municipal na qual estuda, em Belo Horizonte (MG), um revólver calibre 38 dentro da mochila (1). A arma havia sido escondida na mochila na terça-feira pelo pai da criança (2). Nesse dia, houve uma operação da Polícia Militar para desarmamento da população no bairro da família da menina (3). Segundo a coordenadora pedagógica da escola municipal Desembargador Loreto Ribeiro de Abreu, Cássia Puff, o revólver estava dentro de uma meia e com quatro balas fora do tambor (4). Ela disse que a menina não sabia da arma na mochila, pensou que fossem pilhas comuns e chamou a professora (5). Puff disse também que a menina não chegou a exibir o revólver aos colegas (6).

Macroproposição	Ocorrência no <i>lead</i> da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): Criança leva arma para a escola e a entrega à coordenadora; Local em que o fato aconteceu (onde?): Numa escola municipal, em Belo Horizonte (MG); Tempo (quando?): nesta quarta-feira;
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	Um revólver é encontrado na mochila da criança na escola em que estuda. A arma havia sido escondida na mochila da criança pelo seu pai, por causa da operação da Polícia para desarmamento da população.
Ações ou Avaliação (Pn3)	Segundo a coordenadora, a criança não sabia que estava com a arma. Quando descobriu, chamou a professora e não mostrou a arma para os colegas.
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	Não identificada.
Situação final (Pn5)	Não identificada.
Moral (Pnfi)	Não identificada.

Outro registro recorrente no *lead* da maioria das notícias analisadas foi a da macroproposição Situação final (Pn5): quando identificada, coincidia normalmente com a Resolução (Pn4)<sup>43</sup>, como vemos em N43-P.

(Exemplar 6)

**N43-P**

MARACANAÚ

Comerciante reage a assalto e é assassinado

[06 de Setembro 03h23min 2006]

Três tiros em frente a uma agência bancária, um carro desgovernado, uma cabine policial esfaqueada, correria, pânico, bandidos com o dinheiro do assalto, vítima gravemente ferida e morte (1). O dono de um supermercado no Bom Jardim, Antônio Vilamar Maciel Carvalho, *morreu ontem à tarde com um tiro na cabeça, após ser abordado por três assaltantes*, em frente a uma agência bancária na Pajuçara, em Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza (2). O comerciante iria fazer um depósito bancário, quando a Hilux que dirigia *foi cercada por três homens armados com revólveres*, no momento em que o veículo estacionava em frente à agência (3).

Macroproposição	Ocorrência no <i>lead</i> da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): Assalto seguido de assassinato; Vilamar Carvalho e três assaltantes; Local em que o fato aconteceu (onde?): em frente a uma agência bancária na Pajuçara, em Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza; Tempo (quando?): ontem à tarde;
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	A vítima foi abordada/cercada por assaltantes.
Ações ou Avaliação (Pn3)	A vítima é baleada.
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	A morte da vítima (“morreu ontem...”)
Situação final (Pn5)	Coincide com a resolução.
Moral (Pnfi)	Não identificada.

Na descrição deste e de outros exemplares, tivemos dificuldades quanto à delimitação das macroproposições. Reexaminando a proposição (1), por exemplo, no trecho “morreu ontem à tarde com um tiro na cabeça, após ser abordado por três assaltantes”, questionamos sobre a possibilidade de identificar nessa mesma proposição tanto a Complicação (Pn2) quanto a Resolução (Pn4) e a Situação final (Pn5) focalizadas no fato trágico ao mesmo tempo: “foi assassinado; está morto”. O que queremos colocar aqui é que, se num gênero literário como a fábula as fases prototípicas narrativas foram percebidas com maior precisão e facilidade, no gênero não literário notícia isso não aconteceu, pois as informações se apresentaram mais inferíveis do que explícitas.

<sup>43</sup> Apresentando-se como uma síntese-desfecho, a Situação final (Pn5) decorre da Resolução (Pn4) e pode, muitas vezes, com ela confundir-se.

#### 4.1.2 A sequência narrativa no corpo das notícias

Como dissemos, no corpo das notícias analisadas, a realização da sequência narrativa se deu por constantes retomadas das macroproposições identificadas no *lead* ou por acréscimos de informações não especificadas anteriormente.

As macroproposições mais retomadas foram a Situação inicial (Pn1), a Complicação (Pn2) e, em alguns casos, a Resolução (Pn4). Isto se configurou como uma característica do gênero: não se trata da realização de várias sequências narrativas no mesmo texto noticioso, mas de uma mudança na forma de organização da sequência narrativa no corpo do texto, peculiar às notícias narrativas, especialmente, às de temática policial.

Assim como o corpo da notícia tem por função desenvolver detalhadamente as informações dadas no *lead*, as proposições narrativas presentes na estrutura textual apresentaram-se como uma extensão das macroproposições prototípicas ali identificadas. Ilustramos essas constatações através dos exemplares N7-P e N8-P, transcrito abaixo.

(Exemplar 7)

**N7-P**

São Paulo, quinta-feira, 15 de setembro de 2005

GREVE NAS UNIVERSIDADES

Manifestação reuniu também professores e funcionários da USP, Unicamp, Unesp e Fatec

Estudantes e PMs duelam em avenida

Sandra Neaime/Folha Imagem

*Manifestante é levado algemado por policiais militares durante o protesto na Assembleia Legislativa*

FÁBIO TAKAHASHI

DA REPORTAGEM LOCAL

O conflito começou porque cerca de mil estudantes, professores e funcionários da USP, da Unesp, da Unicamp e da Fatec quiseram entrar na Assembleia para acompanhar as discussões dos deputados com relação ao veto do governador Geraldo Alckmin (PSDB) ao mecanismo que permitiria aumentar as verbas para a educação (leia texto ao lado) (6).

A direção da casa determinou que poderiam entrar cerca de 400 pessoas - a capacidade do plenário principal (7). As demais ficaram de fora, pressionando sua entrada por meio de coros e de um carro de som (8). Oitenta policiais militares, incluindo 30 da Força Tática (grupo preparado para confrontos), faziam uma barreira para impedir a entrada deles(9).

Às 19h45, os manifestantes resolveram deixar o portão que fica em frente ao Comando Militar do Sudeste e se deslocar até a Pedro Álvares Cabral, em frente ao parque Ibirapuera (10). Nesse momento, eles tentaram fechar a via(11).

A Força Tática avançou, atirando bombas (12). Carros que passavam no local manobram e fugiram na contramão (13). Após esse primeiro confronto, os manifestantes se dispersaram (14). A maior parte foi para a Brigadeiro Luís Antonio, onde foram perseguidos pela força policial até perto da avenida Nove de Julho (15).

A reportagem da Folha presenciou três feridos - todos na perna ou no pé -, que foram atingidos por bombas na Brigadeiro (16). Um dos feridos foi Eduardo Portela, 22, aluno da USP (17). "Foi um

absurdo. Eles [os PMs] jogaram bombas no meio do trânsito", afirmou ele, com o pé ensanguentado (18). Rodolfo Vianna, 20, diretor do diretório central dos estudantes da USP, disse que alguns manifestantes foram atingidos por balas de borracha (19). A PM nega (20).

O coronel Júlio Antônio de Freitas Gonçalves, designado pela gestão do governador Geraldo Alckmin (PSDB) para comentar a ação da PM, disse que a polícia agiu para "garantir o direito de ir e vir de pessoas que não tinham nada a ver com o protesto" (21). Ele negou que tenham ocorrido excessos dos policiais (22). "Eles [os universitários] estavam depredando carros e lojas", afirmou o coronel (23).

Foram autuadas 13 pessoas no 78º DP (Jardins), por dano ao patrimônio (24). Todos foram liberados (25). O presidente da Assembléia, Rodrigo Garcia (PFL), confirmou à Folha que foi ele quem limitou a entrada dos manifestantes (26).

Macroproposição	Ocorrência no corpo da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Identificável na proposição (7) "A direção da casa determinou..."
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	Identificável nas proposições (6 e 11) "O conflito começou porque cerca de mil estudantes..."; "Nesse momento, eles tentaram fechar a via..."
Ações ou Avaliação (Pn3)	Identificável nas proposições (8, 9, 12 e 13) "As demais ficaram de fora, pressionando sua entrada..."; "(...) faziam uma barreira para impedir a entrada deles..."; "A Força Tática avançou, atirando bombas. Carros que passavam no local manobram e fugiram na contramão."
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	Identificável nas proposições (14 e 15) "Após esse primeiro confronto, os manifestantes se dispersaram."; "(...) foram perseguidos pela força policial até perto da avenida Nove de Julho."
Situação final (Pn5)	Identificável nas proposições (24 e 25) "Foram autuadas 13 pessoas no 78º DP (Jardins), por dano ao patrimônio. Todos foram liberados."
Moral (Pnfi)	Não identificada.

(Exemplar 8)

### **N8-P**

São Paulo, sexta-feira, 16 de setembro de 2005.

#### **BOMBAS E GRAVATAS**

Assaltante de imóveis da classe média alta do Rio joga granada para furar bloqueio e invade prédio até ser baleado

"Ladrão fashion" morre em fuga espetacular

**MARIO HUGO MONKEN**

**DA SUCURSAL DO RIO**

A ação para capturá-lo foi montada após escutas telefônicas terem flagrado, por volta da meia-noite, conversa de Pedro Dom com o cúmplice Sandro Soares Tavares, o Sandro Batom, em que o assaltante pedia para buscá-lo na favela Vila dos Pinheiros (complexo da Maré, zona norte) e levá-lo à Rocinha (zona sul) (4).

Dom gostava de andar com roupas de grife, costumava ser violento com suas vítimas e tinha preferência em roubar vestimentas e calçados finos (5). Sem ser traficante, mas viciado em cocaína, integrava a facção criminosa ADA (Amigo dos Amigos) e vivia refugiado entre as favelas da Rocinha e do complexo da Maré (6).

Ao saber que Pedro Dom iria para a Rocinha, a polícia cercou a saída do túnel Rebouças na Lagoa pouco depois das 2h (7). Ao perceber o bloqueio, Pedro Dom, que estava na garupa de uma motocicleta, pilotada por Sandro Batom, atirou a granada e abriu fogo (8). Com a explosão, três policiais foram feridos por estilhaços, entre eles o delegado Eduardo Freitas, da 22ª DP (Penha, zona norte), que comandava a operação (9). Os policiais passaram a perseguir Pedro Dom pelas ruas da Lagoa (10). Quando passavam pela rua Alexandre Ferreira, os agentes atiraram no pneu da

motocicleta (11). Sandro Batom foi preso (12). Pedro Dom, no entanto, conseguiu fugir a pé e entrou no edifício Bauhaus (13).

Os policiais cercaram o edifício e passaram a fazer buscas pelos andares (14). Quando os agentes chegaram ao terceiro andar, encontraram Pedro Dom escondido próximo a uma lixeira (15). Segundo a polícia, ele efetuou disparos, e os policiais revidaram (16). Um tiro acertou o peito do assaltante, que morreu no hospital Miguel Couto, para onde foi levado (17).

O delegado Eduardo Freitas – que foi ferido pelos estilhaços da granada – afirmou suspeitar que Pedro Dom estivesse drogado quando foi morto (18). Segundo ele, ao ser cercado no túnel Rebouças e no próprio prédio, o criminoso gritou várias vezes que não iria se entregar, que preferia morrer (19).

Freitas afirma que os policiais já foram para a operação cientes de que o assaltante estava armado com uma granada e pistola porque Pedro Dom havia mencionado isso na conversa grampeada que teve com o cúmplice (20). O delegado disse que vinha investigando Pedro Dom havia cerca de dois meses (21). Apesar de ter sido atingido por estilhaços da granada, ele passa bem (22). Embora tenha morrido em consequência do tiro no peito, o assaltante foi atingido por outros quatro disparos, todos do lado direito do corpo: no pé, na mão, no braço e no ombro (23).

A polícia do governo Rosinha Matheus (PMDB) afirmou que Pedro Dom estava com uma mochila e nela trazia jóias roubadas em dois assaltos a residências, um na Barra da Tijuca (zona oeste) e outro na Ilha do Governador (zona norte da cidade), que ocorrera na noite de anteontem (24). Na ocasião, roubou jóias, dinheiro, um computador e um carro (25). Oito pessoas que seriam vítimas do assaltante foram até a 15ª Delegacia de Polícia, na Gávea (zona sul), e reconheceram as jóias como sendo delas (26). Sandro Batom permanecia preso na 15ª DP até o final da tarde de ontem (27). A polícia não permitiu que ele falasse com os jornalistas (28). Ele seria acusado de fazer serviços para os traficantes (29).

Macroproposição	Ocorrência no corpo da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Identificável nas proposições (5, 6 e 20) “Dom gostava de andar com roupas de grife...”; “(...) viciado em cocaína, integrava a facção criminosa ADA (Amigo dos Amigos) e vivia refugiado entre as favelas da Rocinha e do complexo da Maré.”; “(...) os policiais já foram para a operação cientes de que o assaltante estava armado...”
Complicação Desencadeador 1 (Pn2)	Identificável nas proposições (4 e 8) “A ação para capturá-lo foi montada após escutas telefônicas terem flagrado, por volta da meia-noite, conversa de Pedro Dom com o cúmplice Sandro Soares...”; “Ao perceber o bloqueio, Pedro Dom, que estava na garupa de uma motocicleta, pilotada por Sandro Batom, atirou a granada e abriu fogo.”
Ações ou Avaliação (Pn3)	Identificável nas proposições (10 a 14, 15 e 16, ) “Os policiais passaram a perseguir...”; “Os policiais cercaram o edifício e passaram a fazer buscas pelos andares.”; “(...) encontraram Pedro Dom escondido próximo a uma lixeira. Segundo a polícia, ele efetuou disparos, e os policiais revidaram.”
Resolução Desencadeador 2 (Pn4)	Identificável na proposição (17) “Um tiro acertou o peito do assaltante, que morreu no hospital Miguel Couto, para onde foi levado.”
Situação final (Pn5)	Identificável nas proposições (26 a 29) “Oito pessoas que seriam vítimas do assaltante foram até a 15ª Delegacia de Polícia, na Gávea (zona sul), e reconheceram as jóias como sendo delas. Sandro Batom permanecia preso...”; “Ele seria acusado de fazer serviços para os traficantes.”
Moral (Pnfi)	Implícita: Durante uma ação policial, a fuga do bandido quase sempre resulta na morte deste.

A análise de exemplares semelhantes a estes nos permitiu constatar que a organização textual da notícia apresenta uma forma recorrente quanto à materialização das fases do esquema prototípico narrativo, especificamente no corpo do texto, podendo retomá-las ou não, bem como apresentá-las sob mais de uma forma. Esta última afirmação pode ser

verificada, por exemplo, quanto à Situação final (Pn5). Enquanto apresentação do “novo estado equilibrado”, esta fase narrativa foi explicitada no corpo da notícia, principalmente nos parágrafos finais das notícias policiais, como podemos ver em N7-P e N9-P.

(Exemplar 9)

**N7-P**

São Paulo, quinta-feira, 15 de setembro de 2005

**GREVE NAS UNIVERSIDADES**

Manifestação reuniu também professores e funcionários da USP, Unicamp, Unesp e Fatec

Estudantes e PMs duelam em avenida

*(parágrafo final)*

Foram autuadas 13 pessoas no 78º DP (Jardins), por dano ao patrimônio (24). Todos foram liberados (25). O presidente da Assembléia, Rodrigo Garcia (PFL), confirmou à Folha que foi ele quem limitou a entrada dos manifestantes (26).

(Exemplar 10)

**N9-P**

**A R A R I P E**

Adolescente mata sobrinho de cinco anos a pedradas

*(parágrafo final)*

Embora tenha praticado homicídio, A.O.S não responderá a processo criminal, mas sim, um procedimento por ato infracional, cuja pena vai de seis meses a três anos de medidas sócio-educativa a ser cumprida num abrigo para adolescente infrator (14).

Além disso, se no *lead* a Situação final (Pn5) pôde ser identificada de forma implícita ou coincidir com a Resolução (Pn4), no corpo, e em especial no corpo das notícias policiais, ela foi identificada, principalmente, nas frases finais da notícia em expressões usuais (ou “expressões-modelo”, conforme dissemos no início do capítulo de análise) como as grafadas, em negrito, nos exemplares das notícias N1-P e N27-P, transcritas abaixo.

(Exemplar 11)

**N1-P**

**I C Ó**

Mulher é morta e amiga dela é baleada

[15 de Setembro 03h05min 2005]

*(parágrafo final)*

O delegado Francisco Miguel de Sales, titular da Regional de Polícia de Icó, disse ao O POVO, pelo telefone, que Eliseu fazia tempo que era casado com Liduína (12). O casal estava em processo de separação já tramitando na Justiça daquela Comarca, mas o metalúrgico, conforme apurou o delegado Sales, não aceitava o fim do casamento (13). Liduína tinha costume de fazer caminhada, todos os dias, pela BR-116, nas proximidades da cidade, na companhia de Odirene, da qual era vizinha (14). A Polícia ainda não sabe o motivo porque Eliseu disparou também contra Odirene (15). **Os corpos de Eliseu e de Liduína foram trazidos, ontem pela manhã, para o Instituto Médico Legal (IML) e depois de examinados levados para Icó (16). O sepultamento do casal ocorreu no final da tarde, no cemitério da cidade (17).**

(Exemplar 12)

**N27-P**

J A C A R E C A N G A

Taxista reage a assalto e é assassinado

[28 de Setembro 03h56min 2005]

O caso foi registrado como sendo latrocínio (roubo seguido de morte) pela Delegacia do 7º Distrito Policial (Pirambu), que se encontrava de plantão (10). Colegas do taxista disseram que os ladrões roubaram dele o telefone celular e a carteira contendo uma pequena quantia em dinheiro (11). Paulo Sérgio fazia ponto na Praia de Iracema (12). ***O corpo dele foi examinado ontem pela manhã no Instituto Médico Legal (IML) (13). Às 10 horas foi liberado para sepultamento (14).***

Com base nos exemplares analisados, observamos que a sequência narrativa realiza-se de forma expressiva no *lead* das notícias narrativas, principalmente as policiais, e que suas macroproposições são materializadas no corpo conforme os aspectos que se deseja evidenciar. O corpo da notícia apresenta-se, assim, como uma extensão das macroproposições narrativas identificadas no *lead*, concretizada por meio da retomada dessas macroproposições. A análise descrita até aqui se referiu às ocorrências observadas nas notícias narrativas. No tópico seguinte, registramos os dados relativos à análise das notícias que classificamos como expositivas, por não se enquadrarem no protótipo narrativo proposto por Adam.

#### **4.2 A não realização da sequência narrativa**

Como explicamos no início do capítulo de análise, as notícias que não materializaram as macroproposições essenciais à identificação do protótipo narrativo de Adam foram classificadas como expositivas. No *corpus* desta pesquisa, dezesseis notícias, dentre as vinte e quatro de temática não policial, se enquadram nessa ocorrência.

As referidas notícias continham proposições narrativas em sua estrutura, mas não estavam construídas com base num processo de intriga, de tensão narrativa. Sua organização textual revelou, a nosso ver, uma natureza que poderíamos chamar de expositiva.

Consideramos a existência de um tipo expositivo ou mesmo informativo-expositivo, que, de acordo com B. Combettes e R. Tomassone (1988, apud, ADAM, 1992, p.128), pode-se entender como a apresentação de um determinado fato, feita de forma organizada e, às vezes, hierarquizada, que visa à condução de um saber ou à simples informação. Na estrutura textual da notícia, com base nos dados analisados, consideramos a ocorrência deste tipo textual bastante expressiva.

Esse tipo expositivo, que Adam desconsidera por poder, segundo ele, associar-se ao protótipo da sequência descritiva ou ao protótipo da sequência explicativa por ele elaborados, não se encaixa tão pacificamente assim em um ou outro modelo. Concordamos com Bonini (2005, p.234) ao afirmar que a desconsideração do tipo expositivo torna difícil explicar a planificação da notícia, sobre a qual não se pode dizer que “é determinada claramente<sup>44</sup> nem por uma sequência explicativa (não se explica o fato), nem narrativa (já que o fato, pelo menos na tradição americana, não é contado), nem descritiva (já que não se descreve o fato)”.

Quanto ao que a tradição americana defende sobre “o fato não ser contado”, isso nos parece distante de nossa realidade. Pelo menos, em língua portuguesa, não acreditamos que haja uma distinção precisa e contundente entre *contar* e *relatar*. Aliás, determinar o tipo textual que predomina em um gênero não é tarefa fácil e talvez isto se deva justamente à dificuldade em precisar os conceitos de termos como *expor*, *relatar*, *contar*, *narrar*, *descrever* e *explicar* ou em estabelecer o que realmente podem significar em determinadas situações de uso da linguagem.

Se um leitor se deparar com uma classificação da notícia como gênero narrativo, é possível que sequer venha a estranhar, porque a apresentação de um fato cotidiano ocorrido em determinado lugar, envolvendo determinadas pessoas não terá conotação diferente ou mesmo determinante para ele se se disser “a notícia contava/narrava como fulano foi assassinado” ou “a notícia expôs/relatou como fulano foi assassinado”. A própria visão do gênero notícia como sendo de natureza ou de estrutura narrativa parece estar relacionada com a imprecisão desses conceitos, inclusive, dicionarizados e comumente apresentados como sinônimos.

O modelo teórico adotado nesta investigação possibilitou que lançássemos um olhar sobre essa questão conceitual e constatássemos que, mesmo com a identificação da sequência narrativa na estrutura da notícia, isto não basta para definir taxativamente a categorização deste gênero como narrativo. O texto da notícia apresenta-se como um dos mais heterogêneos, pois em sua estrutura composicional foi possível verificar vários segmentos expositivos, explicativos e mesmo argumentativos que se mesclavam aos segmentos narrativos.

---

<sup>44</sup> Mesmo em relação às notícias que classificamos como narrativas, acreditamos que não seja suficiente a determinação deste gênero como narrativo apenas em virtude da identificação da sequência narrativa em sua estrutura. Entendemos, contudo, que se pode falar em uma predominância do tipo narrativo em relação aos demais tipos textuais dentro, não somente deste, como dos demais gêneros.

No *corpus* analisado, pudemos encontrar notícias marcadas por vários desses segmentos e reunimos alguns exemplares que demonstraram uma organização textual particularmente interessante e de difícil análise. Em N13-N, por exemplo, temos um texto noticioso puramente expositivo. Este exemplar, em nossa opinião, pode enquadrar-se na definição de esquematização dada por Bronckart (1999), pois revela um discurso teórico, de conteúdo temático não contestável nem problemático, característico do *mundo do expor autônomo*, no qual o conhecimento dos parâmetros da situação de ação de linguagem de que o texto se origina não constitui elemento imprescindível à interpretação desse segmento.

(Exemplar 13)

**N13-N**

**INCLUSÃO DIGITAL**

Prêmio recebe inscrições

[16 de Setembro 01h21min 2005]

Estão abertas até o próximo dia 29 as inscrições para o II Prêmio Telemar de Inclusão Digital (1). A promoção do Instituto Telemar é de abrangência nacional e tem o objetivo de reconhecer iniciativas de diversos estados e organizações voltadas a promover a inclusão digital no País (2). Nessa segunda edição, o prêmio também está abrindo oportunidade para jornalistas de todo o Brasil inscreverem reportagens, ensaios e artigos veiculados em mídia impressa sobre o tema (3). O Instituto Telemar visa estimular o desenvolvimento e a adoção de soluções eficientes que possam ser facilmente empregadas, de modo a alcançar parcelas da população que ainda não têm acesso à tecnologia digital (4). Os prêmios serão definidos por regiões (Norte/Nordeste, Sul/Centro-Oeste e Sudeste), e de acordo com as categorias (5). O julgamento dos trabalhos será feito por uma comissão formada por representantes de governos, empresas e sociedade (6).

Serão levados em consideração os critérios de impacto social, relação custo-benefício do projeto e a inovação (7). Os três primeiros lugares entre escolas, Organizações Não Governamentais e universidades receberão o troféu de Excelência em Inclusão Digital e uma premiação em dinheiro (8). Na premiação dirigida à imprensa o reconhecimento será concedido para os primeiros lugares de cada região, além de um trabalho de abrangência nacional (9). Os vencedores receberão o troféu de contribuição para a Causa da Inclusão Digital e uma premiação em dinheiro (10).

Na categoria Empresas os três projetos contemplados por região receberão diploma de reconhecimento e Troféu de Atuação Exemplar (11). Para essa categoria não haverá premiação em dinheiro (12). Também será concedido o diploma de reconhecimento e o troféu de atuação exemplar a uma personalidade nacional que deverá ser indicada por organizações e jornalistas que se inscreverem na promoção (13).

**SERVIÇO**

As inscrições podem ser feitas pelo site [www.institutotelemar.org.br](http://www.institutotelemar.org.br).

Das cinquenta notícias analisadas, esta foi a única que apresentou esta configuração. Tal exemplar, se retirado do suporte jornalístico, poderia, inclusive, ser considerado um outro gênero como, por exemplo, um *comunicado* ou um *edital*.

Outra ocorrência interessante foi registrada em N3-N, cuja estrutura textual apresentou indícios de um deslizamento da narrativa factual para a forma literária ao relatar a história de

vida de um personagem e utilizar a expressão “*tudo começou há...*” (destacada em negrito na proposição 4), própria de uma narrativa nos moldes literários.

(Exemplar 14)

**N3-N**

**S O U D O P O V O**

A alegria da garotada

[15 de Setembro 03h05min 2005]

Durante o dia, ele é *Carlos Antonio Pahê dos Santos*, 41, casado e pai de cinco filhos. Dois do primeiro matrimônio e três do segundo (1). Trabalha em uma kombi fazendo propaganda volante para um supermercado e mora no bairro do Autran Nunes, em Fortaleza(2). Mas é à noite, em pizzarias ou aniversários, que Carlos canta e encanta sua platéia ao se transformar no palhaço Macarrão (3).

***Tudo começou há 21 anos**, na favela do Papôco, a antiga Base Velha, conhecida hoje como bairro do Pici, onde trabalhava voluntariamente com crianças no Centro de Desenvolvimento Familiar (Cendefam), do projeto Uruguaina, já extinto (4). Seu primeiro personagem era chamado de Faísca(5). Como era muito magro, a diretora do centro, a educadora Iracema, sugeriu a mudança de nome(6). Foi a partir daí que surgiu o novo apelido, Macarrão(7).*

*Procurou aperfeiçoar-se na arte circense e passou três anos no Circo Pano de Roda com o palhaço Garrafinha, de 1986 a 1989 (8). Depois, recebeu um convite do palhaço Pipoca para fazer shows em aniversários de crianças(9). E até hoje, continua sendo a grande atração da garotada (10). Suas apresentações são ecléticas e agradam a crianças e adultos, não faltando risos e animação(11).*

Seu filho mais velho, de 23 anos, o acompanha trabalhando (12). É responsável pelo som nas apresentações (13). Quando um de seus filhos faz aniversário, ele chama um outro palhaço para alegrar a festa em casa (14). É só nesse caso que Macarrão prefere ficar com a família e dar atenção aos convidados (15). Mas confessa: "É difícil ficar assistindo" (16).

Nas horas de folga, sempre que pode, vai visitar a antiga Base Velha onde tudo começou (17). Sua maior satisfação é ser ainda reconhecido pelos atuais moradores que um dia foram seus alunos (18). Macarrão sonha em poder encontrar um dia sua grande incentivadora, a ex-diretora do Cendefam na antiga Base Velha (19).

Esta notícia apresenta, por meio de segmentos narrativos, o relato cronológico da trajetória do palhaço Macarrão (personagem interpretado por um pai de família), no qual os eventos (“trabalhava voluntariamente com crianças...”; “procurou aperfeiçoar-se...”; “passou três anos...”; “recebeu um convite...”; e “até hoje...”), destacados em itálico, são narrados sucessivamente, sem que haja uma intriga. A forma de construção dessa notícia se insere, a nosso ver, no que Bronckart (1999) chama de *script* e que constitui o *grau zero da ordem do narrar*, em que os acontecimentos são dispostos em ordem cronológica, sem que sua organização linear apresente um processo de tensão. Ainda que o texto contenha proposições que poderiam constituir algumas das macroproposições narrativas, não consideramos que o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) tenha se materializado neste exemplar.

Outro exemplo bastante atípico foi encontrado em N4-N. A notícia apresentou uma estrutura marcada pela presença de muitos trechos opinativos por meio da inserção expressiva de discursos diretos que expõem os pontos de vista dos personagens em oposição quanto ao

tema noticiado (a saber, o referendo sobre armas – nas proposições 11 e 17, destacadas em negrito, por exemplo) e por uma postura jornalística “sutilmente” tendenciosa em favor de um desses personagens, os que são contrários à proibição da venda de armas; o que pode ser visto por meio de todas as proposições do *lead* e dos demais trechos destacados em itálico na notícia.

(Exemplar 15)

**N4-N**

**D E S A R M A M E N T O**

Assembléia Legislativa realiza debate sobre referendo

A Assembléia Legislativa promoveu ontem debate sobre o referendo que decidirá sobre o comércio de arma no Brasil. O evento teve a participação de membros das duas comissões da instituição

Lanna Roriz

da Redação

[15 de Setembro 03h05min 2005]

*GONY ARRUDA e Bene Barbosa: Movimento Viva Brasil defende o Não no referendo de outubro(Foto: CHICO GADELHA)*

*(Lead)*

Os cidadãos "de bem" serão desarmados e não os "bandidos" (1). Proibir a venda armas de fogo não diminuirá a criminalidade (2). A Polícia demora a atender um chamado, por isso o cidadão precisa ter arma em casa para se defender (3). Acidentes domésticos com arma de fogo são um pequeno número, em relação a outros tipos de ocorrências em residências (4). A solução para a violência é a inclusão social e não a retirada do direito de optar por ter ou não uma arma (5).

*(Corpo)*

Esses foram alguns argumentos apresentados pelo presidente do Movimento Viva Brasil (SP), Bene Barbosa, e parlamentares da Comissão a Favor da Vida e do Patrimônio, favoráveis à venda de armas (6). Eles participaram de palestra e debate ontem na Assembléia Legislativa (7).

A mesa, presidida pelo deputado Gony Arruda (PSDB), teve ainda participação do promotor Luiz Antonio Abrantes, do Ministério Público Estadual; deputado João Jaime (PSDB), coordenador da Comissão pela Paz e pela Vida, a Favor do Sim; e Raul Nepomuceno, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/CE) (8).

*"A pergunta é confusa. É um sim que proíbe e um não que mantém. Os deputados aprovaram o referendo muito apressadamente. A pergunta induz pelo desarmamento e a população está extremamente desinformada",* criticou Bene (9). Para ele, é preciso deixar claro que a votação do dia 23 trata da proibição da venda "legal" de armas e não propriamente de desarmamento (10). **"O criminoso terá certeza que o cidadão não terá como se defender e se tornará mais audaz. Paz não é rendição", disse (11).**

Bene afirmou que os dados apresentados pelos que defendem o desarmamento são "forjados" (12). *"(O referendo) É uma forma que o Governo Federal inventou para dizer que está fazendo alguma coisa pela Segurança Pública",* acusou (13). *"Quem tem o desejo de matar não vai se deter pela ausência de arma de fogo",* alegou Abrantes, também favorável à venda de armas (14).

*"A arma de fogo é um objeto inventado com o objetivo de matar e ferir",* defendeu João Jaime (15). Ele disse que a situação de violência está insustentável no País e que buscar uma solução é o mais importante no momento (16). **"Ter que estar armado para se defender de um assalto em sua casa é incitar a violência", disse (17).**

O deputado Artur Bruno (PT), argumentou que "a arma de fogo é a arma mais letal" e que a maioria dos que matam com esse instrumento se diz arrependido depois (18). "Não dá tempo pra pensar", disse (19). O delegado da Polícia Federal Loredano de Oliveira Pontes, ressaltou que "ninguém mata ninguém com uma faca a cinco metros de distância, mas com arma de fogo sim" (20).

O referendo que acontecerá dia 23 de outubro é o primeiro do Brasil (21). Os brasileiros deverão responder à pergunta "O Comércio de armas de fogo e munições deve ser proibido no Brasil?, que irá

referendar ou não artigo do Estatuto do Desarmamento (22). Os que concordarem com a venda responderão Não (23). Os que acharem que o comércio deve ser impedido responderão Sim (24). O voto será obrigatório para os maiores de 18 anos e menores de 70 (25).

Não identificamos trechos narrativos na estrutura de N4-N que correspondessem, em nossa opinião, às fases do protótipo. O *lead*, que normalmente figura no primeiro parágrafo das notícias, também não apresentou sua construção convencional, mas uma série de opiniões dos envolvidos no fato, e o que se refere a este fato propriamente dito apresenta-se de forma expositiva apenas no último parágrafo do texto.

Como podemos ver, a estrutura textual da notícia apresenta uma construção tão heterogênea que os segmentos textuais que compõem principalmente o corpo da notícia, sejam eles narrativos, descritivos, expositivos, explicativos ou argumentativos, mesclam-se de forma intrincada e tornam difícil estabelecer precisamente uma delimitação/demarcação textual. A tentativa de categorização do gênero como narrativo esbarra nessa heterogeneidade textual e demonstra que a análise das sequências no texto da notícia não é suficiente para determinar um padrão de organização textual que atenda a toda e qualquer notícia e que possa restringi-la a uma classificação.

Apesar disso, reconhecemos que, quando identificadas na estrutura textual da notícia, as macroproposições narrativas se adaptam e conformam às determinações da estrutura composicional do gênero e funcionam como um relevante mecanismo de organização da textualidade. Ou seja, apesar da “supremacia” dos critérios de estruturação composicional do gênero sobre a representação do esquema da sequência narrativa, consideramos que as macroproposições que o constituem podem atender à função específica de apresentar os elementos mais importantes da notícia (o fato, o lugar, o tempo, as pessoas, o conflito, a resolução) de forma completa, baseada numa organização interpretativa dos eventos.

Concluída, assim, nossa investigação, apresentamos no capítulo seguinte as considerações finais sobre a pesquisa realizada, enfatizando os pontos mais relevantes da análise, apontando dificuldades encontradas e sugestões para o preenchimento de lacunas deixadas e, por fim, comentando o que consideramos como contribuições teóricas e/ou aplicadas que a pesquisa possibilitará.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nos propusemos apresentar uma análise e descrição da realização da sequência narrativa no gênero notícia, de acordo com o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992), e verificar a existência de relações entre esse modelo sequencial e a estrutura propriamente dita do gênero, segundo os critérios jornalísticos. Desta forma, duas questões específicas nortearam nossa investigação: 1) De que forma se materializa o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual da notícia? 2) Que relações podemos perceber entre a identificação da sequência narrativa nas notícias e a estrutura composicional do gênero propriamente dita?

Para respondermos a essas questões, submetemos o *corpus* de 48 notícias a uma segmentação de suas proposições e à identificação das macroproposições narrativas. No início desta etapa de identificação, cogitamos a possibilidade de a temática da notícia apresentar-se como um fator “determinante” para a realização da sequência narrativa e, por conta disso, dividimos as notícias em dois grupos: policiais (24 exemplares) e não policiais (24 exemplares). Esta hipótese, no entanto, não chegou a ser confirmada, pois também algumas notícias de temática não policial registraram a ocorrência da sequência narrativa. Percebemos que a temática pode favorecer a realização da sequência, mas seria necessário um *corpus* maior de notícias não policiais para chegarmos a conclusões mais precisas.

A análise nos conduziu a uma nova divisão dos dados referentes a cada grupo: as notícias (policiais e não policiais) que materializaram a sequência narrativa foram classificadas como *narrativas*, e as que não, como *expositivas*. Das 48 notícias analisadas, 32 se enquadraram como notícias narrativas (sendo 24 policiais e 8 não policiais) e 16 como notícias expositivas (sendo todas não policiais). Os resultados puderam ser sistematizados em três ocorrências principais: a) realização da sequência narrativa no *lead* das notícias; b) realização da sequência narrativa no corpo das notícias; e c) não realização da sequência narrativa nas notícias.

Em outras palavras, a materialização da sequência narrativa na estrutura textual das notícias analisadas ocorreu da seguinte forma: parte dos textos apresentou todas as macroproposições numa ordem não prototípica, mas recorrente, principalmente no *lead*. No corpo do texto das notícias, a realização do protótipo deu-se por meio de retomadas de

determinadas macroproposições ali identificadas. Ou seja, o número de ocorrências da sequência narrativa no *lead* das notícias narrativas foi expressivo, a retomada das macroproposições no corpo da notícia uma constante e a conformação narrativa das notícias analisadas não se deu prototipicamente, conforme o modelo de Adam. Já nas notícias não-policiais, o rendimento foi baixo. A estrutura composicional recorrente que registramos configurou-se como expositiva e, nesse caso, a analisamos à luz dos pressupostos teóricos de Bronckart (1999).

Estabelecemos algumas relações entre as fases narrativas que constituem o protótipo e a estrutura composicional do gênero notícia. Ainda que não tenhamos nos detido em realizar uma análise configuracional, percebemos que as exigências pragmáticas do gênero notícia determinam a sua estrutura composicional e esta última se sobrepõe à organização sequencial prototípica. Nesse sentido, a realização sequencial das macroproposições narrativas foi submetida à relevância e não à cronologia dos fatos apresentados na notícia e, por essa razão, não se materializou na ordem delineada no esquema narrativo prototípico.

Enquanto nas notícias expositivas, as macroproposições não foram identificadas, nas notícias narrativas, especialmente nas de temática policial, o *lead* realizou, com exceção de uma notícia, todas as macroproposições narrativas, das quais três foram essenciais: a Situação inicial ou orientação (Pn1), a Complicação (Pn2) e a Resolução (Pn4). A presença da macroproposição Situação inicial ou orientação (Pn1) no *lead* foi incontestável, pois a relação entre ambos está diretamente associada à função de situar o leitor quanto às informações mais relevantes do texto e responder às mesmas questões norteadoras (o quê? quem? quando? onde?). E as macroproposições Complicação (Pn2) e Resolução (Pn4), que se constituem como essenciais à identificação da sequência narrativa, estiveram presentes no *lead* das notícias e, muitas vezes, também no título e no corpo, e coincidiam com o evento principal desse tipo de notícia: o conflito, o elemento trágico.

Se, no padrão narrativo de gêneros literários como a fábula, estabelece-se uma equivalência entre a linearidade temática e a linearidade dos eventos narrados, na notícia, isto poderia se apresentar como uma contradição/subversão do critério jornalístico de relevância, tão importante na organização do texto noticioso, especialmente do policial. Além disso, há diferenças no uso da linguagem jornalística, necessariamente mais objetiva, concisa e “econômica” do que a linguagem literária, que interferem na realização das macroproposições narrativas.

A concepção de narrativa defendida por Adam, também embasada na tradição literária, reforça a importância de um elemento que interfere paradoxalmente na distinção feita acima: a intriga. Se, por um lado, há notícias em que percebemos a existência da intriga, por outro, há casos em que nenhum traço de sua presença é constatado. Este foi o critério que nos levou à divisão das notícias em narrativas e expositivas<sup>45</sup>: a concepção de Adam de que, para termos uma sequência narrativa é necessário colocar em intriga a forma de apresentar os eventos e de organizá-los de modo a estabelecer uma tensão.

Há ainda outro aspecto a considerar: a categorização da notícia como *gênero narrativo*. De acordo com a proposta teórica de Adam, se um gênero é atravessado por sequências narrativas e estas estabelecem uma dominância sequencial em relação às demais sequências nele presentes, esse gênero será categorizado como gênero narrativo. No entanto, além dessa classificação não ser consensualmente aceita, ela pode não se aplicar bem à notícia, ainda que se reconheça a presença de uma estrutura narrativa bastante peculiar. Em nossa pesquisa, não analisamos outras sequências, além da narrativa, o que nos impede de tecer afirmações precisas sobre a questão da dominância sequencial, até por que, não descartamos a existência de uma sequência expositiva ou mesmo de um tipo expositivo na notícia, o que, por si só, já propiciaria uma nova investigação.

Acreditamos que a notícia tem sido considerada pelos falantes da língua, pela escola e pelos livros didáticos como um texto de base narrativa, principalmente pelo fato de conceitos como *narrar*, *expor*, *relatar*, *descrever* serem comumente tomados como sinônimos. É essa imprecisão conceitual que permite que esse gênero não literário seja definido e estudado de forma simplista como *narrativa*. Não pretendemos negar aqui a existência de aspectos que possibilitem que a consideremos como narrativa, mas também não acreditamos que seja tão pacífica essa classificação, pois a própria determinação de qual seja a base textual da notícia é de difícil realização.

O mais interessante de tudo isso é que, apesar das indefinições conceituais e das “subversões” verificadas ao que se constituiu como “padrão de notícia”, o leitor identifica o gênero como tal. A nosso ver, também neste ponto, a configuração pragmática mostra sua

---

<sup>45</sup> No *corpus* de nossa pesquisa, as notícias que atendessem a essa exigência seriam consideradas *notícias narrativas* e as que não atendessem seriam consideradas *notícias expositivas*. Essas notícias não são narrativas ou expositivas em si mesmas, mas em relação à identificação da sequência narrativa.

relevância: essa identificação ocorre porque o falante reconhece o suporte ou outras características próprias da situação de produção da notícia de jornal.

Embora essas considerações estejam à parte do que nos propusemos investigar, consideramos interessante registrá-las. Da mesma forma, reconhecemos e apontamos as limitações/lacunas da pesquisa, mas acreditamos que ela pôde, entre outras coisas, propiciar descobertas importantes sobre o estudo da sequência narrativa em um gênero não abordado por Adam que, embora não literário, tem sido considerado como narrativo.

As lacunas aqui apontadas transfiguram-se em sugestões para a continuidade da pesquisa: não analisamos que outras sequências estão presentes no texto da notícia, nem se estabelecem a relação dominante/dominada com as sequências narrativas identificadas; não nos aprofundamos em analisar a existência de uma sequência expositiva, embora consideremos essa possibilidade; e, por fim, não nos aprofundamos na teoria desenvolvida por Bronckart (1999), de forma a verificar de que forma ela se prestaria a uma melhor descrição da organização textual do gênero notícia do que a proposta de Adam.

Com tudo isso, acreditamos ter possibilitado uma interessante reflexão teórica sobre a realização do protótipo da sequência narrativa de Adam no gênero notícia e, do ponto de vista aplicado, esperamos ter contribuído para operacionalizar o conceito de sequência textual narrativa no tratamento didático de gêneros não literários considerados de natureza narrativa, tal como o gênero notícia. Sabemos que outras possibilidades podem ser extraídas deste estudo e esperamos que esta pesquisa possa ter contribuído para os estudos linguísticos referentes à sequencialidade textual narrativa, bem como para as pesquisas na área de Análise de Gêneros.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *Textualité et séquentialité: le exemple de la description*. Langue Française, 1987, n. 74. p.51 -72.
- \_\_\_\_\_. *Eléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.
- \_\_\_\_\_. Cadre théorique d'une typologie séquentielle. *Études de Linguistique Appliquée – textes, discours types et genres*. E.L.A., 1991, n.83. p.6-18.
- \_\_\_\_\_. Le prototype de la séquence narrative. In: *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992. p.45-74
- \_\_\_\_\_. Le prototype de la séquence explicative. In: *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992. p.27-144
- \_\_\_\_\_. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999. Cap.3.
- ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. *A análise da narrativa*. (Tradução de Maria Adelaide Coelho e Maria de Fátima Aguiar). Lisboa: Gradiva, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BALTAR, Marcos. *Competência discursiva e gêneros textuais – uma experiência com o jornal em sala de aula*. Caxias do Sul, RS: Educ, 2004.
- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, Roxane (org.). *A prática de linguagem em sala de aula – praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).
- BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? *PERSPECTIVA*. Florianópolis, 2002, v.20, n.01, p.49-64, jan /jun.
- \_\_\_\_\_. Tratamento dos gêneros textuais na escola. *Universidade Aberta do Nordeste: Formação continuada de professores da rede pública*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005, n. 8.
- BONINI, Adair. *Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos*. Florianópolis: Insular, 2002.
- BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair, MOTA ROTH, Désirée. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. (Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha) – São Paulo: Educ, 1999.

DIJK, Teun Adrianus van. *La ciencia del texto – Um enfoque interdisciplinar*. (Traducción de Sibila Hunzinger). Barcelona: Ediciones Paidós, 1978.

\_\_\_\_\_. *La noticia como discurso – Comprensión, estructura y producción de la información*. (Traducción de Guillermo Gal). 1.ed. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cognição, discurso e interação*. Estruturas da notícia na imprensa. (Organização e apresentação de Ingedore V. Koch). São Paulo: Contexto, 1992. (Caminhos da Linguística).

FARIA, Maria Alice. *O jornal em sala de aula*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1997. – (Repensando a Língua Portuguesa).

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias do Círculo Linguístico de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FOLHA de São Paulo. *Manual geral de redação*. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

GRADIM, Anabela. *Manual de Jornalismo*. Universidade da Beira Interior. Maio de 2000. 2º de 6 ficheiros. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-2.html>> - Acesso em fevereiro de 2007.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Washington: University of Washington Press, 1967. p.12- 44.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

\_\_\_\_\_. *Estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

LEMO, Janaína Pimenta. *Descrever é argumentar: análise da articulação argumentativa entre sequências descritivas referentes a personagens e sequências narrativas*. 2004. Dissertação. Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2003.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MACHADO, Anna Rachel. A organização sequencial da resenha crítica. *The Specialist*, São Paulo, 1997, v. 17, n. 2. p 133-149.

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair, MOTA ROTH, Désirée. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e textualidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, M<sup>a</sup>. Auxiliadora. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Os gêneros do discurso na sociolinguística laboviana. *Boletim ABRALIN*, 1999, v. 23. p.81-93.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. (Tradução de Constança M. César). Campinas: Papirus, 1994.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. A notícia de jornal: tipo ou atualização do tipo narrativo? Campinas: *ALFA*, 1991, v.35, p.135-159.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair, MOTA ROTH, Désirée. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTOS, Maria Iesse dos. *A construção argumentativa em Artigos de Opinião*. 2005. Dissertação. Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC).

SILVA, Jane Q. G. Gênero discursivo e tipo textual. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, 1999, v.2, n.4. p.87-106, 1º sem.

SILVA, Mirna Gurgel da. *Notícia e reportagem: uma proposta de distinção*. 2002. Dissertação. Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC).

SILVA, Aurenívia Ferreira da. *A heterogeneidade discursiva marcada em artigos de opinião e notícias: algumas propostas de atividades*. 2004a. Monografia. Especialização em Ensino de Língua Portuguesa. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

SILVA, Franklin Oliveira. *Processos de referência no gênero notícia*. 2004b. Dissertação. Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC).

SOARES, Rosana de Lima. *Jornalismo entre gêneros: ciência e ficção*. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 1999, Rio de Janeiro (RJ). Anais XXII Intercom. Rio de Janeiro (RJ): Intercom.V.1. Disponível em: <[http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&q=cache:OLDWR1ARbWMI:www.intercom.org.br/papers/1999/gt22/22s04.PDF+estrutura+narrativa+not%C3%ADcia](http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&q=cache:OLDWR1ARbWMI:www.intercom.org.br/papers/1999/gt22/22s04.PDF+estrutura+narrativa+not%C3%ADcia)> Acesso em junho de 2006.

SOUSA, Socorro Cláudia T. de. *Estudo da organização textual argumentativa em editoriais de jornais*. 2004. Dissertação. Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC).

VIEIRA, Natália S. J. S. *A Notícia: Realidade ou Ficção Literária*. Millenium, out/1997, n.8. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millenium/ect8\\_natl.htm](http://www.ipv.pt/millenium/ect8_natl.htm)> Acesso em junho de 2006.